





Digitized by Google

Digitized by Google







J. J. d'Ixelles

*Est. d'Israël. B. & de Lox.*

# **POESIAS**

**DE**

**JOSÉ IGNACIO DE ARAUJO**

**EDITOR**

**J. F.**

**LISBOA**

**—  
1862**

*José Bento d'Almeida e Sá.*

TYP. DE JOSÉ DA COSTA NASCIMENTO CRUZ,  
Calçada do Collegio n.º 6.

PQ

9261

A 753

P6 CAVACO AO LEITOR



Ora lá vae ao mundo dar massada  
A minha pobre alegre versalhada,  
Sem engenho, sem arte, ou sons amenos,  
Que o leitor entretenham mais ou menos.  
Ides sofrer, de certo, pobres versos,  
Da critica mordaz golpes diversos,  
Mas tende, coitados, paciencia ;  
E sabei que altos homens da sciencia,  
Talentos d'assombrar, esclarecidos,  
De tal *bicha* mil vezes são mordidos,  
E levam dos parceiros grande tosa,  
Umas vezes ein verso, outras em prosa.

Já cuido ouvir dizer: « tu és pateta,  
« Porque, sabendo a sorte do poeta,  
« Sobre tudo, fazendo versos máus,  
« Te vaes expor a mil duros quináus.  
Assim é; mas não fico descontente,  
Pois, sendo apoquentada muita gente  
Por causa do poetico delirio,  
Heide ter companhia no martyrio,  
Heide ser nos meus males consolado  
Por quem tambem tiver igual peccado.

Ahi vão os meus versos, ó leitores,  
E, se acaso os julgardes massadores,  
Não me deis uma pena muito dura  
Pelo tempo perdido na leitura;  
Dae-me alguma desculpa, se poderdes,  
Ou antes ensinae-me, se souberdes.

---

## SONETO

**Feito por occasião de se publicarem  
os meus primeiros versos**

---

Lá vão meus versos d'esta vez ao prélo,  
 Em tempos em que n'isso o prélo abunda ;  
 E, temendo levar alguma tunda,  
 Começa a arrepiar-se-me o cabello :

N'elles nada o leitor achará bello,  
 O que sei confessar com dôr profunda ;  
 Mas alguem me dirá : « em que se funda  
 Essa tua mania ? — Eu you dizel-o.

Ha quem diga que um *vate* sou soffrivel ;  
 Talvez seja indulgencia, ou seja engano,  
 Que a censura d'amigos é fallivel :

De alcançar altos loiros não me ufano,  
 Porém só quero vér se me é possivel  
 Colher um proveitoso desengano.

## SONETO

**Ao editor destes versos**

---

Desgraçado de ti ! pobre Fontana,  
 Editor de meus versos sem *doçuras* ;  
 Deus te dê, caro amigo, assignaturas  
 Senão dás co'os teus *fundos* em pantana !

Não sei pintar paixões d'amor, que engana  
 Com suas agradaveis diabruras,  
 Não finjo refinadas mil ternuras,  
 Nem suspiro *sem dor*, feito banana !

Ora já vês, amigo, que as donzellas,  
 Que por vates *d'assucar* morrem todas  
 Dirão que sou cantor de bagatellas !

Procura assignaturas n'outras rodas,  
 E diz da minha parte ás damas bellas  
 Que eu em versos não sei seguir as modas.

## SONETO

**A u m a m e n i n a q u e n ' u m a c a r t a a m o r o s a  
d i z i a a o s e u a m a n t e : « a r d o p o r t i »**

Toque-se a fogo já, venham as bombas  
 Guiadas por intrepidos bombeiros,  
 Acudam de Lisboa os aguadeiros,  
 Heroes de forte braço e patas rombas !

Acudam á pequena, que p'las trombas  
 O sumo já lhe sae de mil brazeiros ! . . .  
 Acudam, deitem agua, mui ligeiros,  
 N'este peito, que causa inveja ás pombas !

Apague-se este incendio feio e vasto,  
 Pois causa cruel dôr e negra magua  
 Vêr damà tão gentil, de chamas pasto !

Bombeiros ! extinguir a horrivel fragua ! . . .  
 Para salvar da morte um peito casto,  
 Se for preciso, esgote-se a mãe d'agua.

## SONETO

---

**Eu gósto do macaco a mais não ser ;  
 Se disserem que em gósto pobre sou,  
 Posso dizer que em meu direito estou,  
 E que posso gostar do que quizer :**

**Quiz o macaco do homem aprender  
 A andar só em dois pés, e o imitou ;  
 Homem que o ser palhaço lhe agradou,  
 O macaco por mestre só quiz ter :**

**Finge o homem macaco, entra a pular ;  
 O mono uma casaca vae vestir,  
 E parece um doutor, mui sério a andar ;**

**Comtudo, não se podem confundir,  
 Que homem feito macaco faz chorar,  
 E macaco feito homem nos faz rir.**

## SONETO

---

**Menina, sois amavel com um gato,  
Que, na verdade, é mui lindo bichano ;  
Porém com fero peito, deshumano  
Um amante offendéis jámais ingrato :**

**Daes ao bicho a lamber o vosso prato,  
A' meza o quereis vér, senão me engano ;  
Eu desejo um agrado, um riso humano,  
E nem isso me daes, que é tão barato !**

**O gato vos faz mil ternas festinhas ;  
Adoro-vos... mas vejo que escutaes  
As finezas do gato, e não as minhas !**

**Sou o mais desditoso entre os mortaes  
Porque tenho um rival, que come espinhas,  
E valem seus miáus mais que os meus ais !**

## SONETO

**A uma senhora, que dizia gostar  
de meus versos**

---

**Senhora, se é verdade que gostaes  
De meus singellos versos sem primor,  
Tómo penna e papel, e, com ardor,  
Só por vos agradar, escrevo mais :**

**Sois, de certo, a primeira, que animaes  
Este chulo e mesquinho trovador,  
Que para agradecer um tal favor  
Gastará de papel alguns quintaes :**

**De ás damas agradar chegou-me a vez ;  
Um poeta vou ser muito feliz,  
Pois sereis minha musa, D. Ignez :**

**Vossas maneiras cantarei gentis,  
Lindos braços roliços, mãos e pés.  
Olhos, bocca, madeixas e nariz.**

## SONETO

**Tragico**

Cruel ! feroz ! perjura ! impia Bernarda,  
 Que zombaste dos meus extremos ternos !  
 Que me fizeste arder em mil infernos !  
 Que me déste a tragair sel e mostarda !

Fera a minha vingança pouco tarda !  
 Tardará, quando muito, dois invernos ! . . .  
 Dar-te tormentos mil não posso eternos,  
 Mas heide-te frigir como uma sarda !

Sim ! não pense, perversa, que se zomba  
 De quem, por seu valor e audacia summa,  
 Póde ser capataz de qualquer bomba !

Vingança ! o peito meu de raiva fuma ! . . .  
 Vou matar-te ! . . . e depois, de ponta romba,  
 Cravo em meu coração uma verrúma !

**SONETO**

**No album d'uma senhora**

---

Oh ! que album tão bonito ! E' bem doirado  
 Este enfeite da capa ! . . . Com certeza,  
 Vossa Excellencia fez grande despeza  
 Comprando este primor tão delicado !

Bravo ! como elle está bem recheado  
 De poesias de toda a natureza ! . . .  
 Até encontro uma, que é franceza :  
 — O auctor é portuguez afrancezado ?

Deixe-me folhear. — Quadras, quintilhas . . .  
 Decimas e oitavas . . . e um terceto  
 Feito por um poeta lá das ilhas :

A ornar-lhe o album não me comprometto,  
 Mas consinta entre tantas maravilhas  
 Tambem tenha logar um máu soneto.

## SONETO

A Lisboa chegou Monsieur fulano,  
 Que é de Paris o chimico mais bello ;  
 Traz pomada que faz nascer cabello,  
 Sem da cabeça ao casco causar damno :

Tem percorrido a Europa ha mais d'um anno,  
 Prestando á humanidade o seu desvello,  
 E a mais de cem mil calvas dando pello  
 Tão duro como as crinas d'un garrano.

Leu este annuncio um padre *ajanotado*,  
 E correu a comprar uma caneca  
 Cheia do elixir elogiado :

Foi á loja indicada o tal padreea ;  
 Entra... porém ficou desapontado  
 Quando viu que o francez era careca.

**SONETO**

—

**Uma velha, versada em nigromância,  
Extrae mago licor d'um negro ouriço,  
E, co'elle ungindo a fronte ao meu toutiço,  
Diz que ao Parnaso subirei com ancia.**

**Nunca pensei subir a igual distancia ! . . .  
Não quero acreditar no tal feitiço ;  
Mas em breve, fervendo em reboliço,  
Sinto na mente idéas d'importancia ! . . .**

**Já canto, erguendo a voz valente e audaz . . .  
Meus versos teem de mestre insignes toques,  
Mas causam arrepios . . . roubam paz ! . . .**

**Pinto demonios manejando estoques ! . . .  
Sou poeta inspirado em coisas más,  
Por artes de berliques e berloques.**

**SONETO**

**A um que pedia versos para a namorada**

---

Ora vossê tem coisas, só fulano ! . . .  
 Pois quer que eu faça versos á donzella ? !  
 Que tal ! Faça-os vossê, se gosta d'ella,  
 Antes que a fazer um lhe leve um anno.

Vem bater a má porta, por engano,  
 E esbarra co'os narizes na cancella :  
 Se quer mimosear a sua bella  
 Mande-lhe antes um leque . . . ou um abano ;

Compre-lhe algum pausinho de pomada,  
 Fitas, cassas, filós, saias balões,  
 Luvas, rendas, setins, seda lavrada.

E, se quer da menina as affeições,  
 Saiba que versos não alcançam nada,  
 São anzoes que não pescam corações.

## SONETO

Se vires n'uma sala um janotinha  
 Cheirando a mil perfumes e pomadas,  
 Calçando finas botas apuradas,  
 Vestindo acatitada casaquinha ;

Dizendo muita e muita asneirasinha  
 A's bellas pequeruchas engracadas,  
 E, já com as perninhas estafadas,  
 Na dança proseguir qual ventuinha ;

Se vires, digo, alguem em tal folia,  
 Andando em corropio, nem que fosse  
 Um doido com pancada a mais bravia ;

Não indagues que sina alli o trouxe,  
 Mas parte-lhe a cabeça, onde ha mania,  
 Se miolos lhe achares dou-te um doce.

## SONETO

**Pedindo um mote**

—

Vou pedir-lhe uma coisa... mas não trema,  
 Não pense que o pedido é de dinheiro;  
 Se hoje para o *massar* saíó a terreiro,  
 A bondade, que tem, faz que eu não tema.

Não procuro fazer nenhum poema,  
 Que não vejo d'Apollo alto luzeiro;  
 E tornarem paradas de sendeiro  
 Partidas de leão — é mau systema;

Apenas d'esta vez a musa minha  
 Lhe vem pedir um *mote* — a coisa é pouca,  
 E pôde-se mui bem chamar coisinha;

Ouvirá minha voz sem graça, e rouca,  
 E, se achar que ella é má para visinha,  
 Pegue n'um pão de ló, tape-me a bocca.

## SONETO

Vem o homem á luz, e chora logo  
 Entre as mãos da parteira ; depois cresce,  
 E para o mestre vae, que as mãos lhe aquece,  
 E só tem o chorar por desafogo :

Depois chora o vintem, que perde ao jogo,  
 Mais tarde, por quem alma lhe enlouquece ;  
 E, se o peito da bela se arrefece,  
 Chora-lhe o coração, ardendo em fogo :

Chora quando padece dôr de dentes,  
 Quando encontra cotão só n'algibeira,  
 E quando perde amigos, e parentes :

Chora vendo um doutor á cabeceira,  
 Chora por soffrer mil dôres diff'rentes, . . .  
 Ora sebo p'ra tanta choradeira.

## SONETO

Andar pelos bilhares noite e dia,  
 Sem um momento só largar o taco ;  
 Fumar mui grosso rôlo de tabaco ,  
 Que deita peior cheiro que mar'sia ;

Ir á noite a S. Carlos, por folia  
 Mostrar o pouco peso do seu caco ;  
 Fazer dar aos actores o cavaco  
 Com troça, pateada e gritaria ;

Namorar só por ter divertimento ,  
 E das bellas depois fazer chacota ,  
 Sempre com sem igual descaramento ;

Na estroinice saber dar áz e sota ,  
 Ter a cabeça cheia só de vento ;  
 Eis-aqui o que é ser um bom janota.

★

## SONETO

Um sujeito, que a mil tinha pregado,  
 Com descaro sem par, muito calote,  
 Para ter no theatro camarote,  
 Ter cavallo, carrinho, e seu criado,

Encontrou um amigo, homem honrado,  
 D'esses que nada teem, que se lhes note,  
 E, depois de conversa de bom lote,  
 Este sério lhe diz, e mui pausado :

« Tendo tu de credores um milheiro,  
 « Pasmo d'essa alegria, e bellas côres,  
 « Pasmo ao ver-te dormir um somno inteiro.

— Guarda o pasmo p'ra coisas sup'riores,  
 Pois só me admira (diz o caloteiro)  
 Como podem dormir os meus credores.

## SONETO

—

**Donzella, o meu amor chega a loucura ;  
Se te causam meus versos desagrado,  
E' que não ando muito acostumado  
A afinar bem as cordas da ternura :**

**Se alguém altas paixões te pinta e jura  
N' um estylo sublime, apaixonado,  
E' que em fingil-as anda mui versado,  
Pois outro passatempo não procura :**

**Bem vejo que em canções sou um patola,  
Mas devo ter desculpa, pois começo  
Na irmandade d'Amor a ser carola :**

**Que me mostres teus olhos só te peço,  
Pois sua doce voz que me consola,  
E' capaz de dar tom a um *estro gueço*.**

## SONETO

—

**Empunha essa navalha, mestre Antonio,  
Que tem rapado já duros cabellos,  
Deita abaixo depressa os loiros pellos  
De quem quer contrahir o matrimonio ;**

**Limpa a cara roliça ao terno Jonio,  
Que o verás ser inveja dos mais bellos,  
E fazer a ditosa arder em zelos,  
Temendo tentações d'algum demonio :**

**Vamos, mestre barbeiro, diligente,  
Põe-lhe sabão de cheiro superfino,  
Que, de certo, o rapaz paga a patente ;**

**Depois, julgando-se homem já de tino,  
Dirá ao pae da bella em tom contente :  
Eu já posso casar — não sou menino.**

## SONETO

Valente gatarrão de rabo alçado,  
 E' por ti que na lyra agora *arranho*,  
 Pois tens, de teu *officio* em desempenho,  
 Gigantes ratazanas derrotado :

A grandes cães de fila, e cães de gado  
 Não viras teu socinho d'arreganho ;  
 Muitos fugido teem do teu gadanho  
 Com o rabo entre as pernas entalado :

Deves ser acclamado rei dos gatos,  
 E trazer no pescoço uma colleira,  
 Mas sem guiso — que fôra annuncio aos ratos :

E's um *bicho* estimavel de maneira,  
 Que mereces comer em limpos pratos  
 O melhor que se encontra na ribeira.

## SONETO

---

Por piedade, senhor estudioso ! . . .  
 Suspenda, ao menos, por um só instante ! . . .  
 Cale a sua rebeça horripilante,  
 E que vem contender co' o meu nervoso ! . . .

Olhe que isso é de mais ! é ser teimoso  
 Além de flagellar seu similhante ! . . .  
 E' commetter um crime revoltante ! . . .  
 Crime de *lesa-ouvidos* horroroso ! . . .

Já não posso soffrer seus desatinos ;  
 E fujo com meu pello todo hirsuto  
 Da musica ao maior dos assassinos ! . . .

Fujo d'um tocador cruel, e bruto,  
 Pois antes por um anno ouvir mil sinos,  
 Que ouvir essa rebeça um só minuto.

## SONETO

—

Meu ginja, o grão valor em ti nos provas  
 Das settas, que dispara o deus fedelho,  
 Pois que n'esse teu peito duro, e velho  
 Podem abrir tão fundas chagas novas :

Vaes cantando d'amor convulsas trovas,  
 E, sem qu'rer de ninguem ouvir conselho,  
 Vergando ao peso d'annos o joelho,  
 Crês que na dança alegre te renovas :

Ver meninas é todo o teu recreio,  
 O teu emprego é só fazer tijolo.  
 Mostrando esse carão mirrado e feio :

Precisas de gebada, velho tðlo,  
 Pois, se mostras d'amor o peito cheio,  
 Vasio tens o caco de miðlo.

**SONETO**

Que uma dama bésunte com pomada  
O cabello grisalho, a cara velha,  
Que tinja muito bem a sobrancelha,  
E até mesmo o chinó, se fôr pellada ;

Que uma gentil donzella perfumada  
Traga em diversos cheiros a guedelha,  
Ou que nas faces ponha côr vermelha  
Por crer que d'esta sorte mais agrada ;

Que a menina de pouca formosura  
Pinte a cara, o cabello, com sentido  
De ver se assim alcança o que procura ;

Desculpa-se ; — mas homem entretido  
Com estas ninharias não se atura,  
E deve-se mandar para o *Polido*.

## SONETO

N'uma tasca dois bebados pañudos,  
 Tendo em frente de vinho largos copos,  
 Usando muitas vezes lindos tropos,  
 Fallavam como quem tem bons estudos :

Politicos não eram façanhudos,  
 Nem tinham naufragado em taes cachopos ;  
 Discorriam sómente estes *Esops*,  
 A'cerca d'amizade, mui sizudos.

Um dizia, por sim : « é grande amigo  
 « Aquelle que se expõe á cacheirada  
 « Para livre me ver d'algum perigo ! »

Diz o outro, dando ao copo uma avançada :  
 « Pois olhe, mestre Zé, sabe o que eu digo ? . . .  
 « Amigo é quem me paga uma canada. »

## SONETO

—

O mundo é mentiroso, engana em tudo,  
 E' milagre encontrar a sã verdade ;  
 E quem culto render a tal deidade  
 De muitos ouvirá : « este é *pelludo* : »

Por isso diz o tolo : — eu tenho estudo ;  
 Alardeia jejuns o gordo frade,  
 Apregoa o ladrão moralidade,  
 Aponta vil fidalgo o nobre escudo ;

O militar poltrão audacia arrota,  
 Diz que tem rectidão juiz venal,  
 Diz que o sizo lhe sobra um bom janota ;

Porém tanto mentir não levo a mal ;  
 Porque, sendo um dos taes que Apollo enxota,  
 Chamo a isto soneto — e não é tal.

## SONETO

**A um mau barbeiro**

---

O' barbeiro cruel, és um canalha,  
 Fazes sofrer no mundo o purgatorio ;  
 Em tuas mãos caí, por ser simplorio,  
 E mil vezes gritei : — Jesus me valha !

Tua pesada mão feroz trabalha  
 Ao som d'um tão nojento palavrorio,  
 Que enjoia muito mais que um vomitorio,  
 E prolonga o martyrio da navalha ! . . .

Em tuas mãos penei bons dez minutos,  
 E, lamentando o meu triste fadario,  
 Jurei fugir dos teus gadanhos brutos :

A toalha tornei triste sudario,  
 E co'os queixos do sangue mal enxutos  
 Do barbeiro saí p'r'o boticario.

## SONETO

**A um massador.**

---

E's grande massador impertinente,  
 Que flagellas, sem dó, um desgraçado,  
 Como tal és por todos apontado,  
 E já foge de ti bastante gente:

Aquelle, que uma vez te ouve, sómente,  
 Não te quer ouvir mais, fica estafado;  
 E, se ao longe te vê, corre assustado,  
 E se escapa de ti fica contente:

Aturado te hei já vezes diversas;  
 Hoje massadas tuas não affronto,  
 Pois tens lingua tambem das mais perversas;

E crê-me, que não minto no que conto:  
 Seinda alguém te supporta essas conversas.  
 E' só de seus peccados em desconto.

## SONETO

Vou fazer um soneto? — Vou, depressa.  
 E deve ser bem feito? — Está sabido.  
 Mas de que fallarei? . . . do deus Cupido,  
 Que ao peito mil farpões nos arremessa? . . .

Mas eu fallar d'amor! . . . Olhem que peça!  
 Sem ver um coração por mim rendido! . . .  
 Devéras ficarei compromettido,  
 Sem ter quem seu auxilio aqui me offreça! . . .

Duas quadras já eu fiz de repente. . .  
 Porém como engendrar este terceto? . . .  
 Confesso que não sei mui francamente:

Comtudo, acabo esta obra em tom facetô,  
 E mostrarei aqui a toda a gente  
 Que, sem saber de quê, fiz um soneto.

**SONETO**

Quem quizer qualquer dama ver zangada  
Não lhe chame nem tola, nem vaidosa,  
Não lhe diga que é má, ou é teimosa,  
Ou que o seu feroz genio desagrada ;

E não pense tambem vél-a esquentada  
Quem lhe disser que a triste fama goza  
De a muitos namorar, e em verso e prosa  
A todos escrever, sempre inspirada :

Podem todos chamar-lhe tagarella,  
Fera, bicho cruel, que se recreia  
Em ver amantes mil sofrer por ella :

Que se zangue com isto ninguem creia ;  
Mas verão como toda se arrepella  
Se alguem lhe fôr dizer : ai ! como é feia !

**SONETO**

Marido, gasta á larga e teu dinheiro  
 N'essas vistosas lojas de modistas ;  
 Da mulher á vontade não resistas  
 Se não queres em casa ouvir berreiro ;

Muito embora te faças caloteiro,  
 De a trazer um primor nunca desistas ;  
 Vê que a tua mulher quer dar nas vistas,  
 Andando a passear o dia inteiro ;

Quer figurar em bailes, em jantares ;  
 E diz que desconfia da sisuda,  
 Que reprova funcções sóra dos lares :

Marido, vasa a bolsa — e bocca muda,  
 Pois se, apenas, de dôr um ai soltares,  
 Ouvirás a mulher dizer : — «caluda !»

## SONETO

Tu choras pela bella, meu patola,  
 A bella ri de ti ás gargalhadas ;  
 Tu chamas-lhe rainha *d'aureas fadas*,  
 Ella chama-te, apenas creançola ;

Tu por ella a rimar canças a bola,  
 Cantando-lhe as feições tão delicadas ;  
 Ella, ouvindo-te as trovas *inspiradas*,  
 Affirma que pancada tens na mola ;

Tu chamas-lhe uma deusa, que enfeitiça,  
 Ella diz que tu és um paroleiro,  
 Que enjoia a mais não ser quando derriça ;

Tu dizes : «sinto o ardor mais verdadeiro !»  
 Ella, ao ver a paixão que em ti se atiça,  
 Diz que em seu coração sempre é Janeiro.

## SONETO

**A um tabaqueiro que abandonou o rapé**

Maldição ! Maldição ! . . . Que louco intento ! . . .  
 Pois deixas do rapé o *santo* vicio ? !  
 Vaes roubar ao nariz o beneficio  
 Do cheiro, que lhe traz vida, e alento ? !

Olha que pões a penca em um tormento . . .  
 Olha que pões o caco em precipicio ! . . .  
 Pois sem tomar tabaco, por officio,  
 Perde a *mola real* o movimento !

Ouve d'um tabaqueiro a sã verdade,  
 E vê que sem rapé, ou fino ou grosso,  
 O nariz vae morrer em anciedade . . .

Não ponhas a cabeça em alvoroço,  
 Que, se usares com ella crueldade,  
 E' capaz de fugir-te do pescoço.

## SONETO

**Ao mesmo tornando a tomar rapé**

---

Parabens, caro amigo, parabens !  
 Pois vejo que outra vez, com toda a fé,  
 Encaixas a pitada de rapé  
 Por essas largas ventas, que tu tens :

*Sabiamente pensaste, olhando os bens,*  
*Dos quaes o santo pó motor só é . . .*  
*Perdel-os por capricho fôra até*  
*Teu nome pôr a par d'alguns ninguens.*

Não vês como se alegra o teu nariz,  
 E como de prazer entra a espirrar,  
 Julgando-se a batata mais feliz ? . . .

Parabens ! parabens te quero dar,  
 Pois com esse soneto, que te fiz,  
 Recobraste as delicias do fungar.

## SONETO

**A uns olhos... oh ! que olhos !**

Arde meu coração n'uma fogueira  
 Quando vejo teus olhos, minha *aquella*,  
 Parece que está feito em cabedella,  
 Pois, ás vezes, a isso até me cheira :

Receio que esta chamma verdadeira  
 Me venha a pegar fogo na moela,  
 Receio ver sair pela guela  
 Os bofes a fervor como em caldeira.

Não gosto mesmo nada desta graça...  
 Arreda para lá esses archotes,  
 Não me faças carvão, que é má chalaça !

Bebo d'agua por dia immensos potes,  
 E co'a dor, que meu peito despedaça,  
 Dou pulos, cambalhotas e pinotes.

## SÖNETO.

**Ao Café Concerto no Passeio Público**

Ha quem diga por hi que muito enjoa  
 No Passeio o haver Café Concerto ;  
 E eu teimo que não é um desconcerto  
 Querer civilisar assim Lisboa :

Temos alli *can can*, que é coisa boa,  
 Pois do fado e da polka é lindo enxerto,  
 E temos, para em tudo haver acerto,  
 O *doce cornetim*, que ao longe soa :

Cantadas por donzelas d'alta b'lleza,  
 Ouvem-se alli *sonoras* cançonetas,  
 Prodigios de moral — obra franceza ;

Aprendem-se de França mil caretas,  
 E pagam-se em moeda portugueza  
 Joguinhas, cantoria, lérias, petas.

## SONETO

**Aos annos d'uma amigo**

E' dia de teus annos... 'stou zangado !  
 Queres saber porquè? — A *coisa* é esta :  
 E' que tenho uma lyra, que não presta  
 Para vibrar um canto sublimado !

Quiz metter-me a cantor, soltar um brado  
 Com que podesse honrar a tua festa ;  
 Mas debalde lidei, bati na testa,  
 E o estro não chegou !... fiquei logrado !

Já vês que a minha musa fez-se á malta ;  
 Inda bem que a teus annos, caro amigo,  
 Os meus verses não podem fazer falta :

Convido-me a jantar hoje comtigo,  
 E veremos se a musa então se exalta ;  
 Por ora — parabens — e mais não digo.

## SONETO

### **As iscas do Arsenal**

Quem passar pela rua do Arsenal  
 Um cheiro muito bello hade sentir;  
 Pois saiba que são iscas, que a frigir  
 Deitam aquelle cheiro divinal;

E se quizer provar petisco tal,  
 Que dizem ser custoso d'engulir,  
 D'uma faca se deve prevenir,  
 E se um garfo levar não fará mal:

Não espere toalha quem lá fôr;  
 As iscas *papará* sobre o balcão,  
 Tendo apenas um prato por favor;

Pois é costume antigo do patrão  
 Aos freguezes a suja lei impôr  
 De comerem as iscas com a mão.

## SONETO

Sonhei que no Parnaso alegre estava  
 Das musas escutando a melodia,  
 E tamanho prazer então sentia,  
 Que o pobre coração se me assombrava !

Sonhei que o *loiro* Apollo me abraçava,  
 Infundindo-me o dom d'alta poesia,  
 E, dando-me uma lyra, me dizia :  
 «Canta do que souberes»... e eu cantava !

Cantava — e o deus *laureado*, o deus *ingente*,  
 Soltando divinal, sonoro harpejo  
 Meu canto acompanhava alegremente !...

Entre os hymnos do céo então me vejo !...  
 Mas, por desgraça, acordo de repente,  
 E oíço na rua o quê ? — Um realejo.

## SONETO

## Dialogo entre um pae e uma filha

P — Tu és... és a peior das raparigas!...  
 Cala-te!... has de casar co'o deputado!...

F — Não, papá, que hade ser aparvalhado,  
 Pois p'la cara se vê quem tem lombrigas!...

P — Filha dos meus peccados, não prosigas,  
 Que fazes d'um pae terno um pae zangado!...  
 Que tens que lhe dizer?... E' aleijado  
 O rapaz, que te dou? Quero que digas.

F — Não, papá, mas é seio... usa um *cochicho*  
 Em logar de chapeu... não sabe dança...  
 Um velho o julgarão, pondo rabicho.

P — Que tola que tu és!... como és creança!...  
 Horrendo que elle fosse como um bicho  
 P'r'o tornar um primor bastava a herança.

## SONETO

## A uma pulga

Cruel animalsinho, és um chupista,  
 Que chupas por canudo o sangue humano !  
 Se te querem punir do arrojo insano  
 Tu safas-te a pular como um fadista :

Vieste contra mim — fui-te na pista  
 Até que te filei... vou ser tyranno,  
 E dar-te o derradeiro desengano,  
 Porque pulga não ha que me resista !...

'Stás aqui estás morta n'um momento,  
 Que vou dar o castigo merecido  
 A esse teu enorme atrevimento ;

E depois de tu teres já morrido, ■  
 Para ás outras servires d'escarmento,  
 Vou enterrar-te em sebo derretido ! .

O sebo derretido junto ao pavio da vela.

## SONETO

Escrevia um janota á sua amada  
 Versinhos, que julgava primorosos,  
 E louvava os olhinhos tão formosos  
 D'aquella a quem chamava a sua *fada*;

Chamava-lhe uma *Venus delicada*,  
 Anjo de trinta mil dotes mimosos;  
 E cantava com sons fastidiosos  
 A boquinha, onde *amor tinha morada*.

Assim dizia no delirio o *vate*:  
 «Quem hade resistir ás vozes puras,  
 «Que saem dos labios teus côr de tomate?!

Pergunta-lhe o seu bem: «que creaturas  
 «Escutarão tamanho disparate  
 «Sem dizer que o author tem ferraduras?!

## SONETO

Industriosas pulgas vi contente,  
 Tambem as vaccas sabias trabalhando,  
 A phoca dentro d'agua, manobrando  
 A' voz da sua dona intelligente.

Ouvi cantar um cão *suavemente*,  
 Dois ursos muito airosov vi dançando,  
 Ratas sabias proezas praticando,  
 Leões tratando a dona humildemente;

Um macaco já vi tomando esturro,  
 Mostrando no juizo preferencia  
 A muito homem, que timbra em ser casmurro;

Vi n'uma egoa pasmosa obediencia ;  
 Té vi, zurrando, adivinhar um burro !...  
 Falta-me ver n'um porco intelligencia.

## SONETO

**A um poeta que casou com uma poetisa**

Teu desejo, poeta, está completo,  
 Pois casaste com bella poetisa ;  
 Tua ventura augmento não precisa,  
 Que a lyra vês na mão do *amado objecto* :

Uma vida d'encantos te prometto  
 Ao lado da inspirada D. Luiza ;  
 Com ella irás soltando á *meiga briza*  
 Apaixonados cantos em dueto.

O céo te fará pae d'oito meninas,  
 E das musas, de quem só fazes caso,  
 Os nomes lhes porás em pequeninas ;

E, para em nada se mostrar atrazo,  
 Manda-lhes ensinar prendas divinas,  
 Que em casa arranjarás novo Parnaso.

## SONETO

### **Dialogo entre um Elle e uma Ella**

---

- Ella**—O senhor com rigores me flagella !  
 Responda a um coração, que está zangado :  
 Porque não veiu hontem, bem amado,  
 P'ra me fallar debaixo da janella ?
- Elle**—Faltei... perdão lhe peço minha bella...  
 Mas, como ando bastante constipado,  
 Na cama me encaixei muito abafado,  
 E duas vezes tomei chá de macella...  
  
 O inverno me atormenta, e dá quebranto,  
 E só affronto o frio horas inteiras  
 Por gozar de seu rosto o lindo encanto.
- Ella**—Agradeço expressões tão lisongeiras ;  
 Mas creio lhe penetra o frio tanto,  
 Que até no coração já tem frieras.

## SONETO

## A uma cosinheira

Eximia cosinheira, nestas vozes  
 Da lyra do poeta arrebatada,  
 Recebe uma canção alambazada  
 Pois tão bem cosinhaste estas eirozes !

Estimo que mui larga vida gozes,  
 E a receita não percas sublimada  
 De temp'rar tão gostosa caldeirada,  
 Que ás calças rebentar me faz os cozes !...

Mereces uma c'rôa, cosinheira,  
 Feita do mesmo loiro, que deitaste  
 Em tão appetitosa petisqueira...

Adoro-te ! és meu bem ! tu me encantaste !  
 Acceita um coração que á sexta feira,  
 Regalando-me as tripas, conquistaste !

**Coisas com que eu embirro**

—  
Que sou poeta maldoso,  
Com certeza, vou ouvir;  
Mas d'este mundo enganoso  
Quem diz bem—é mentiroso,  
Quem diz mal—não quer mentir.

Ha por hi alminhas bellas,  
Que trabalham por tapar  
D'este mundo as mil mazellas;  
Eu vou mostrar muitas d'ellas:  
Cada qual tem seu pensar.

Dirão que assim não emendo  
 Defeitos, que o mundo tem ;  
 Acredito — mas entendo  
 Que, seus podres escondendo,  
 Não se cura o mal tambem.

Não terá no seu miolo  
 Uma espantosa lesão  
 Aquelle, que, sendo um tolo,  
 Fica doido de conselo  
 Quando lhe chamam — Bárão ?

Não terão grande demencia  
 Os que andam em procissões,  
 Chamadas de penitencia ;  
 E vão depois, sem decencia,  
 Tomar famosos pisões ?

Não será um bom simplório  
 O que, pobre, vae casar,  
 P'ra viver n'um purgatorio,  
 A maldizer o casorio,  
 Não tendo aos filhos que dar ?

E não será mais asneira  
 Se casa segunda vez  
 Com mulher, que a pobre cheira,  
 Sem lhe lembrar a primeira  
 Tremenda asneira que fez ?

Não merece co'um chicote  
 Quem marido se fizer,  
 E andar sempre n'um virote,  
 A pregar muito calote  
 Para enseitar a mulher ?

Não é um grande pachola  
 Janota, que vae jogar  
 O jogo da carambola,  
 Fazendo faltas na escola,  
 Onde aprende a soletrar ?

Não é optimo pateta  
 Janotinha, que se crê  
 Uma belleza completa,  
 E namora de luneta  
 Toda a menina, que vê ?

Não é doidinha a donzella,  
 Esp'rando por seu amor  
 Muitas horas á janella,  
 Quando o frio o sangue géla,  
 Ou quando abraza o calor ?

Inda mais, se longo espaço  
 Nem da chuva quer fugir,  
 Pois lhe não causa embaraço  
 O sentir sobre o cachaço  
 Agua e mais agua a cair ?

Não mette dó a menina,  
 Que escreve cartas d'amor,  
 Mas que depois se amófina,  
 Vendo que o seu *perna-fina*  
 As mostra seja a quem fôr ?

Não tem bem triste mania  
 A, que a mil quer namorar,  
 E que escreve noite e dia  
 Cartas sem orthographia,  
 Que fazem rir, e chorar ?

Não merece grandes troças  
 A velhota sem sabor,  
 Que ensina decencia ás moças,  
 E, na rua a saltar poças,  
 Mostra a perna, e causa horror ?

E muita lambada junta,  
 Outra, qual furia infernal,  
 Não merece, se besunta  
 A carranca de desfunta  
 Com pomada *virginal* ?

Dirão que são bagatellas  
 O que acabam de me ouvir ;  
 Mas do mundo são mazellas ;  
 Embirro com todas ellas,  
 E com quem as encobrir.

**Coisas de que eu gosto**

N'este mundo, tão velhaco,  
Pequeninas coisas ha  
Pelas quaes dou o cavaco ;  
Talvez isto seja um fraco,  
Mas fracos quem não terá ?

Acho gosto em mil coisinhas  
De que não gostam os mais :  
Que querem ? são coisas minhas ;  
Posso gostar de sardinhas,  
Os gostos não são eguaes.

Gosto de ver um *pacato*,  
 Usurario de tremer,  
 Na rua feito beato ;  
 E apparecer um *gaiato*,  
 Furtar-lhe o lenço, e correr.

Gosto de ver *janotinha*  
 Estudando posições ;  
 E um padeiro, que caminha  
 Todo cheio de farinha,  
 Dar-lhe um ou dois encontrões.

Gosto de ver um *jarreta*,  
 Onde o sizo não chegou,  
 A namorar de luneta ;  
 E um menino de jaqueta  
 A dizer-lhe : *um bolo avô*.

Gosto do militar *bello*,  
 Que nos diz que á guerra vae  
 Metter tudo n'um chinello ;  
 Mas, quando salva o castello,  
 Estremece e diz : ai, ai !

Gosto de ver preto rico  
 Uma branca a namorar ;  
 Passar um homem com *bico*,  
 E chamar-lhe pae *Fanxico*,  
 Não parando d'espirrar.

Gosto de ver uma dama  
 Com seu fato d'estadão,  
 Em dia de muita lama,  
 Presa nas ruas d'Alfama  
 Por causa do seu balão.

Gosto de ver, mui gaiteira,  
 Uma velhota a dançar ;  
 E em meio da brincadeira,  
 Ver eair-lhe a cabelleira,  
 Deixando a careca ao ar.

Gosto de ver velho prompto  
 A dançar, pedindo *bis*,  
 Sem dar aos annos desconto ;  
 Tropeçar, e cair tonto,  
 Esborrachar o nariz.

O agiota, alma de moiro,  
 Gosto de mui gordo ver  
 Carregado co'o thesoiro ;  
 Soltar-lhe atraz bravo toiro,  
 E vê-lo depois correr.

Gosto de ver damas varias,  
 Que ao café-concerto vão  
 Para ver as luminarias,  
 E ouvir essas lindas arias  
 Com *pimenta* e *pimentão*.

Gosto de muita patranha,  
 Que nos conta um militar,  
 Que não brigou em campanha ;  
 Mas que fez grande façanha  
 Em fugir sem tropeçar.

Gosto de ouvir um valente,  
 Que se inculca por Sansão,  
 Diz que arromba toda a gente ;  
 Mas, se um cão lhe mostra o dente,  
 Foge adiante do cão.

Gosto de ver o poeta  
 No seu furor de rimar,  
 Já, por fim, meio pateta,  
 A dar em si cacholeta,  
 Sem poder rima encontrar.

Gosto de ver, e ter visto,  
 O homem, que nada val,  
 Com seu habito de Christo...  
 E gosto que gostem d'isto,  
 Que esctevi, ou bem ou mal.

**Ao soldado**

**Arda de raivâ e furor  
 Sem nunca saber porquê.  
 TOLENTINO—Satyra—a guerra.**

**A'lerta, soldado ! A'lerta !  
 Corre a patria a defender ;  
 Do sangue faze-lhe offerta,  
 Que ella é tua amiga certa,  
 Dá-te seijões a comer.**

**Põe a mochila de lona,  
 O teu bornal, e cantil,  
 As corréas, e a patrona ;  
 Como a gente valentona  
 Empunha o duro fuzil ;**

E esta nação defendendo,  
 Augmenta os loiros que tens ;  
 Duras filas vae rompendo,  
 Mostra-te heroe combatendo,  
 Morre por quatro vintens !

Salta á brecha, sem receio,  
 Faze accções d'alto valor ;  
 E, de mil balas no meio,  
 Nunca tremas—porque é feio—  
 Nem mudes do rosto a côn.

Folga ao zunir da metralha,  
 Folga ao troar do canhão,  
 Que talvez esta batalha  
 Te renda alguma medalha  
 Com fitinha d'algodão.

Não temas perder um braço  
 Pela patria, tua mãe ;  
 Sempre firme avança o passo,  
 Nada te cause embaraço  
 Porque a patria paga bem.

Dirás que tens a barriga  
 Muito leve p'ra tal fim :  
 Não te dê isso fadiga,  
 Que p'ra ser leve na briga  
 E' preciso andar assim.

**E não perguntes, soldado,  
O que tu defender vaeis  
Com teu valor extremado ;  
Diz-se o paiz ultrajado,  
E não queiras saber mais.**

**Leva e dá, e mata e morre  
A' voz do teu coronel ;  
O soldado não discorre,  
E' boneco, que anda e corre,  
Manobrando por cordel.**

**A' vante ! que se a victoria,  
Por acaso, se alcançar,  
Serás coberto de gloria,  
E viverás na memoria  
De quem de ti se lembrar !**

**Se na lucta pereceres,  
Por nunca ás balas fugir,  
E's heroe ! . . e que mais queres,  
Se teus filhos, se os tiveres,  
Tua morte hão-de sentir ?**

**A' vante, pois, ó guerreiro,  
Carreira a mais nobre tens :  
Matas, morres prazenteiro,  
Carregas, andas ligeiro. . .  
Tudo por quatro vintens !**

**Ao meu amigo José Ferreira Chaves**

Como sei que não te enfada  
Ler meus versos sem sabor,  
Com pena mal aparada  
Vou escrever *versalhada*,  
Por me achar de bom humor.

Não esperes que te diga  
*Sinto n'alma inspirações,*  
*Que me traz a musa amiga,*  
Como diz muita formiga,  
Que igual se julga a Camões.

**A viva luz do Parnaso  
Não vem descer sobre mim ;  
Ando sempre em grande atrazo,  
Porque Apollo não faz caso  
D'um poeta de chinfrim.**

**Deu-me agora na pancada  
Escrever versos p'ra ti ;  
Has-de aturar a massada,  
Muito embora, ella acabada,  
Tu digas que endoideci.**

**Poetas, se teem revolta  
A bilis, são de tremer,  
Nem o demo lhes dá volta,  
E julgam que a phrase solta  
Todos lh'a devem soffrer.**

**Tenho pena que um poeta  
Não sejas—melhor dø que eu—  
Para darmos cacholeta  
Em todo o bicho careta  
Que figura, e é sandeu.**

**Mas se as musas, amiguinho,  
Tu não queres cultivar,  
Vaes seguindo outro caminho,  
Que tambem p'r'o meu gostinho  
Póde bem cooperar.**

Na linda arte da pintura  
 Já mostras grande valor ;  
 Ensaia a caricatura  
 De tanta vil creatura,  
 Que eu depois vou descompor.

Vamos tirar o socêgo  
 A quem 'stá a governar  
 Um povo, manso borrêgo,  
 E pôde ser que um emprêgo  
 Nos venha a bocca tapar.

Não é caso nunca visto  
 Apanhar por descompor ;  
 Muitos habitos de Christo  
 Se teem ganho só por isto,  
 E por ser bom gritador.

Portanto, ávante barulho !  
 Caricaturas sem fim !  
 Haja grande sarrabulho,  
 Que é facil lucre o bândulho,  
 Acabado este motim.

Se permittes que um poeta  
 Assumpto te venha dar,  
 Veste o chambre ou a jaqueta,  
 Toma pincel e palheta,  
 E principia a pintar.

Pinta um fidalgo basbaque  
 Com cara de parvalhão,  
 Mettido dentro d'um fraque,  
 E soffrendo um forte ataque  
 De toleima de Barão.

Este paspalhão inchado  
 Tenha ao lado, por brazões,  
 Um pergaminho ensebado,  
 Um gato preto assanhado,  
 Dois ursos, e tres leões.

Da bocca um grande lettreiro  
 Lhe saia; que diga assim:  
 «Sou fidalgo, com' dinheiro,  
 «E tem este mundo inteiro  
 «Os olhos fitos em mim:

«Herdei titulos pomposos  
 «De nobreza a mais não ser;  
 «Meus ascendentes famosos  
 «Nunca foram preguiçosos,  
 «Pois todos souberam ler;

«Entraram em mil campanhas,  
 «Todos foram generaes;  
 «E na guerra das aranhas,  
 «Fizeram acções tamanhas,  
 «Que o mundo não viu eguaes:

«Um chamou-se o *Cutiladas*,

«Porque a mil acutilou

«Em luctas assignaladas;

«E com duas estocadas

«Quarenta moiros matou;

«Outro, affrontando perigos

«Em campanhas de pasmar,

«Deu a traidores castigos,

«E co'o sangue d'inimigos

«Fez chouriços de fartar;

«Outro, heroe d'alta chibança,

«Chamou-se *Escala-favaes*;

«Furou a muitos a pança,

«E manejava uma lança,

«Que pesava seis quintaes;

«Outro saltou á tribuna,

«Vendo a patria em confusão;

«Gritou com voz importuna,

«Até que teve a fortuna

«D'estafar o seu pulmão. »

Um quadro assim pinta, pinta

Esperançoso pintor...

Mas em tal não gastes tinta;

Procura obra mais disticta,

E desculpa o massador.

**A Guitarra e a Lyra**

—  
 Não olham se ha, ou não veia discreta ;  
 Quem lhe deu na cabeça foi poeta.

**CONTO GUERREIRO.**

Tocar guitarra foi moda,  
 Já foi prenda principal ;  
 E a gente da fina roda,  
 Se não toda, quasi toda  
 A tocava bem ou mal.

Mas o tempo desaloja,  
 Ou mata as modas por fim ;  
 E hoje em dia quasi enoja  
 Achar guitarra na loja  
 D'um barbeiro de chinfrim.

Agora os do janotismo  
 Buscam lyra, e nada mais ;  
 Cantam d'amor o heroismo,  
 E das ternuras no abysmo.  
 São poetas collossaes !

Vereis que hoje um creançola,  
 Escondido ao professor  
 Em qualquer canto da escola,  
 Vae dando tratos á bola,  
 Compondo versos d'amor ;

E depois, com mão bem destra,  
 A' pequerrucha as vae dar,  
 Que sae contente da mestra,  
 Porque espera ter palestra  
 Com seu bemsinho *sem par*.

Vereis janota elegante  
 A' mesa d'um botequim,  
 N'um estylo delirante,  
 Cantando da sua amante  
*Alvos dentes de marfim* ;

E, para não soffrer quebra  
 Na pasmosa inspiraçao,  
 Ir entrando p'la genebra,  
 Até que, pio, celebra  
 De seu bem graça e condão.

**Vereis outro, em sons carpidos,  
Chamando á sorte fatal,  
Fazendo altos alaridos,  
Soltando agudos gemidos,  
Quando ninguem lhe faz mal.**

**Vereis que um bello frescata,  
Que anda sempre a pandigar  
No Penim, Mangini, e Matta,  
Compõe tão triste cantata,  
Que faz a todos chorar.**

**Outro, poeta de fama,  
D'altos assumptos cantor,  
Ardendo em fogo sem chamma,  
Ateima que a sua dama  
E' um sol abrasador ;**

**E, só para lhe dar gosto  
No inspirado canto seu,  
Compara-lhe o lindo rosto  
Ao da lua em mez d'Agosto,  
Brilhando *pura e sem véu*.**

**Tambem diz que se assemelha  
Ao da aurora no primor ;  
E á sua face vermelha  
Chama-lhe um arco da velha  
Todo cheio de fulgor.**

**Todo aquelle, que é janota,  
Ou seja velho ou rapaz,  
Veloz no Pegaso trota,  
Com versos tudo abarrota,  
Em versos dá sota e az.**

**E se dantes em guitarra  
Todos sabiam tocar,  
N'esta época bizarra  
A' lyra tudo se agarra  
P'ra seus amores cantar.**

**Mas eu, que amores não tenho,  
Quer acreditem, quer não,  
E' sómente o meu empêño,  
Quando na *lyra agatanho*,  
Não ser poeta chorão.**

**Tocar desafinado**

Um aprendiz de rebeça,  
Ou seja velho ou creança,  
Que, levadinho da bréca,  
Atormenta a vizinhança  
Com horrivel musicate,  
Ai ! mata.

Um réles, porém teimoso,  
Tocador de clarinete,  
Que, por ser estudosso,  
Não larga nem a cacete  
O seu instrumento mau,  
Quer pau.

O que, mesmo em sua casa,  
 Dá solos de rabecão,  
 E que faz andar em brasa  
 Os que seus vizinhos são,  
 Sem poderem pregar olho,  
 Quer molho.

Um afamado sineiro,  
 Que por grande desatino,  
 Passa o dia quasi inteiro  
 Sem largar o pobre sino,  
 Que faz dores de cabeça...  
 Que peça!

O que toca em cavaquinho  
 Sem fazer grande motim,  
 E se entretem, coitadinho,  
 Com *innocente* chinfrim;  
 Como causa pouco abalo,  
 Deixa-lo.

Um tocador de sanfona,  
 Que toca a todo o momento  
 Com o um homem, que resona  
 Com a barriga p'r'o vento;  
 E' pagar-lhe a prenda sua,  
 E rua.

**Gallego mettido em brios,**  
**Tocando gaita de fofles,**  
**Mostrando em seus desvarios**  
**Que deve ir p'ra Rilhafolles,**  
**Porque os ouvidos molesta,**  
**E' bêsta.**

**Barbeiro, que se regala**  
**Quando toca uma guitarra,**  
**Que sobre musica falla,**  
**E que julga ser um barra**  
**Quando aperta a caravelha,**  
**Tem telha.**

**Sugeito, que, com despejo**  
**Em uma rua parado,**  
**Vae tocando realejo,**  
**Que ronca desafinado,**  
**Atordoando quem passa,**  
**Tem graça.**

**O que diz: « eu sou poeta »**  
**Porque arranha n'uma lyra,**  
**Mas não passa d'um pateta,**  
**Que diz famosa mentira...**  
**Esse, então, é desgraçado,**  
**Coitado.**

**Retrato do janota**

O' musa, minha devota,  
Vêde se hoje me inspiraes,  
Que em versinhos de risota  
Quero pintar o janota  
Sem gastar tinta de mais.

Vou pintal-o—e se não posso  
Dár ao quadro as perfeições,  
Tomo o janota por grosso,  
D'elle fazendo um esboço  
Em dois traços, tres borrões.

**Não será fino retrato  
O que agora vou fazer ;  
Mas por isso não me mato,  
Pois a poder de barato  
Talvez o possa vender.**

**E mesmo o darei de graça,  
Se não achar comprador,  
A quem o favor me faça  
De o mostrar n'uma vidraça  
A janotas de primor.**

**Talvez que chamem demencia  
Pintar eu com mau pincel  
Um typo d'alta excellencia ;  
Mas farei a diligencia,  
Ao menos, por ser fiel.**

**Lá vae — Cara deslavada,  
Sem cõr, nem boa nem má ;  
Cabecinha levantada,  
A guedelha bem frisada,  
Mas não por mestres de cá.**

**Na bocca enorme charuto,  
Que o *contracto* lhe impingiu ;  
Os dentes sempre de lucto,  
Ar de riso o mais matuto  
Que em labios d'homem se viu.**

No olho sempre luneta,  
 Apezar de vista boa ;  
 E p'r'a suster, o pateta,  
 Faça embora uma careta,  
 Que espante qualquer pessoa.

Casaquinha acatitada,  
 Collete, que muito val,  
 Fina calça bem talhada ;  
 Tudo fazenda *apurada*,  
 Que nem cheire a nacional.

Lustroso botim estreito,  
 Não d'artista portuguez,  
 Que não faz obra com geito ;  
 Mas airosinho, bem feito,  
 Obra de *mestre* francez.

Francez em tudo : — na asneira  
 Té ser francez lhe convém  
 Ao janota parvalheira ;  
 Quem disser d'outra maneira  
 A' verdade não quer bem.

Francez em tudo : — na falla,  
 Nas maneiras, no trajar ;  
 Seja na rua ou na sala,  
 Mostre que não se regala  
 O portuguez em fallar.

No bilhar, se achar francezes,  
 P'ra jogar va-lhes pedir ;  
 Jogue, e perca muitas vezes,  
 Trate-os com phrases cortezes,  
 Embora fique a tenir.

N'um baile, p'ra que se afame,  
 Deve dama procurar,  
 Que por franceza se acclame ;  
 E, chamando-lhe *madame*,  
 Convidal-a p'ra dançar.

Deve andar pelas esquinas  
 Namorando, sem amor ;  
 Conquistar muitas meninas,  
 Ter amantes dançarinhas,  
 Qual d'ellas de mais primor.

Deve um janota de *siso*  
 Fazer versos taes ou quaes,  
 A que chame d'improviso,  
 P'ra cantar, se for preciso,  
 Os seus *anjos divinaes*.

No theatro italiano  
 Não deve uma vez faltar,  
 Para ao contralto e soprano  
 Dar bravos, ou ser tyranno,  
 Conforme mais lhe agradar.

**Arranchando á pateada  
Deve mostrar-se um Catão,  
Dar patada e mais patada,  
E não deixar ouvir nada  
Em quanto tiver tacão.**

**Dar palmas á dançarina  
Deve, se tem lindo pé,  
E não tem a perna fina ;  
Dar-lhe uma c'roa *divina*  
Se cruel não consta que é.**

**Creio que com estas côres  
E' que se devem pintar  
Taes heroes conquistadores ;  
Mas dar ao quadro os primores  
Não dei eu, nem posso dar.**

**E tu, leitor, se me notas  
A fraqueza dos pinceis,  
Direi que não me amarrotais,  
E que p'ra pintar janotas  
Não se cansam Raphaeis.**

**Uma mania como qualquer outra**

---

Cansado de folia, e de galhofa  
—Que o rir também enfada o coração —  
Deixei o tom jovial, o tom de mofa,  
Quiz um dia chorar... por distracção.

Dirão que foi loucura esta lembrança ;  
Não sei : talvez que não, talvez que sim ;  
Mas a variedade, e a mudança,  
Se aos mais não é prazer, é para mim.

**Quem tem de vate o nome, ou tem a alcunha,  
Dores, maguas no peito sinta, ou não,  
Deve a moda seguir da caramunha,  
Porque é moda do tempo ser chorão.**

**Quiz chorar—da tristeza fui em cata,  
Mas de meus olhos ella se escondeu...  
Apenas vi chorando uma cascata,  
Com pena... mas de quem não direi eu.**

**«Porque foges de mim, deusa *Lamuria*,  
«Bordão que tanto vate sempre achou?...  
«Dá hoje de chorar pasmosa furia  
«A quem de tanto rir já se cansou!»**

**Assim disse—com magua não pequena  
De não ver a meu riso um dia o sim...  
Té nem pude chorar... vejam que pena!  
Com quatro beliscões, que dei em mim.**

**«Irra! Quero chorar, porque os encantos  
«Do *doce* e *amargo* pranto não provei!...  
«Heide chorar por força, heide ter prantos!...  
«E, á força de cebola, então chorei.**

Chorei—contra a alegria  
 Uma victoria alcancei,  
 E por todo aquelle dia  
 Muita tristeza cantei! . . .  
 Estes meus olhos de pargo  
 Em rios de *pranto amargo*  
 Quasi afogados senti! . . .  
 Por entre o véu da tristeza  
 Eu só via a natureza  
 Tão risonha até ali.

Cantei sentidas endeixas  
 A uns olhos, que vi então,  
 Fiz versos a umas madeixas,  
 Onde achei doce *prisão!* . . .  
 Chorei da vida as procellas,  
 A maneira porque as bellas  
 Fazem os homens rivaas;  
 Chorei dôres, e mais dôres,  
 Chorei trahidos amores,  
 E chorei não sei que mais.

Então vi muitas donzelas,  
 De mais ou menos primor,  
 Ao ler minhas trovas bellas  
 Soltarem prantos d'amor.  
 Uma dizia: «coitado!»

«Este vate desgraçado  
 «Em mil prantos se desfaz ;  
 «E, pelos cantos que solta,  
 «Alguma bella deu volta  
 «Ao miolo do rapaz ! »

Outra vinha com carinhos  
 Mostrar-me album de primor,  
 E pedir-me uns versosinhos  
 Bem recheados d'amor,  
 Dizendo : «tenha paciencia...  
 «Como aprecio a cadencia  
 «Dos seus versos d'encantar...  
 «E' por isso que lhe peço  
 «Que me dê, se lh'os mereço,  
 «Versos, que façam chorar.»

—Com que então, com esse encanto,  
 Vive submersa na dor ? ...  
 Precisa uns versos de pranto ? ...  
 O seu album faz favor.  
 E começo a choradeira,  
 Que nem uma carpideira  
 Me venceria a chorar...  
 Choro as dores da donzella,  
 Faço um dueto com ella  
 De carpir e soluçar.

Se via junto a uma esquina  
 Um janotinha do tom  
 A namorar a menina,  
 Que se usana de ter dom,  
 D'antes ria; mas agora  
 O meu coração deprora,  
 Ao sem d'um suspiro e um ai,  
 A sorte do pobre moço,  
 Se, quando eleva o pescoço,  
 Prova a bengala do pae.

Ria d'antes, quando achava  
 As cartinhas de primor,  
 Onde não se acreditava  
 A orthographia d'amor;  
 Porém hoje, qual historia,  
 Desejo uma palmatoria  
 Como jámais se encontrou  
 —Do tamanho d'uma trolha—  
 P'r'o pae, que não fez escolha  
 Nas mestras, que procurou.

Zombava d'antes, se via  
 Fidalgo parlapatão,  
 Com a sua fidalguia  
 Inchado como um pavão;

Hoje desculpo-lhe a asneira,  
 Tenho dó do parvalheira,  
 Que pretende figurar,  
 E digo, compadecido :  
 Vão-lhe chamar o *Polido*,  
 Talvez se possa curar.

Até não amo a comedia,  
 Que eu amava a não ser mais,  
 E morro pela tragedia,  
 Que tem duzias de punhaes ! . . .  
 No prazer eu já não creio . . .  
 E' o meu prato do meio  
 A tristeza, a dóir carpir . . .  
 De maguas farei mil cantos . . .  
 Mas em se esgotando os prantos  
 Que que farei ? — Torno a rir.

**Ao meu amigo Alfredo d'Oliveira Pires**

Poeta dos maviosos sentimentos,  
Se podem teus ouvidos ser attentos  
Ao som d'uma sanfona velha e lassa,  
Que não posso afinar, por mais que faça,  
Escuta esta canção, já que a poesia  
E' hoje verdadeira epidemia.

Tambem quero cantar d'alva Nerina  
*Os labios de carmim, face divina,*

Os olhos, d'onde amor despede settas,  
 Que tornam os mancebos em patetas;  
 E essa gentil figura, que, elegante,  
 Faz de cada poeta um doido amante:  
 Tambem quero que as damas engracadas,  
 Ouvindo-me as canções assucaradas,  
 Recheadas de lagrimas e prantos,  
 Vão em casa chorando pelos cantos,  
 E recitem os meus versinhos bellos,  
 Mais doces que alcaçuz ou caramellos;  
 Tambem quero, d'amor cantando a chamma,  
 Alcançar de poeta a nobre fama.

Vi um rosto, coisa bella !  
 Papa-fina, rabanete !  
 Um nariz de cavallete  
 De pasmosas perfeições ! . . .  
 Vi uns olhos penetrantes,  
 Inda mais que aguda choupa,  
 Disparando á queima roupa  
 Settas mil em corações !

Tomei logo, a toda a pressa,  
 Assaltado por amores,

P'ra louvar tantos primores  
 Uma lyra de marfim...  
 E depois, sentindo o peito  
 Ensopado nas ternuras,  
 Em cadentes vozes puras  
 Eu cantei, cantei assim :

Anjo lindo, que me encantas,  
 Que as idéas me transtornas...  
 Anjo lindo, que me tornas  
 Um amante d'esta vez !  
 Ouve as vozes d'esta lyra,  
 Que não mente quando falla...  
 Se teu rosto me avassalla,  
 Não te safes, por quem és !

Amante mais extremoso,  
 Começando a ser careca,  
 Nem correndo sécca e méca  
 Achar pôdes, meu primor ! ...  
 O meu peito delirante  
 Vive escravo de teus olhos,  
 Que são mesmo dois repolhos  
 Abrazados por amor !

Qualquer bella bem precisa  
 Dos poetas inspirados,  
 P'ra que em versos estudados  
 Vão cantando o rosto seu...  
 E tu, bella, meus encantos  
 Do mais subido quilate,  
 Não procures outro vate,  
 Que p'ra isso cá 'stou eu.

Ai ! verás que bella vida,  
 Tão alegre e regalada,  
 Has-de ter, ó minha amada,  
 Se me queres por cantor ;  
 Pois eu sempre, a toda a hora,  
 Seja noite, ou seja dia,  
 Em canções d'alta harmonia  
 Te darei muito louvor.

Preciso agora, amigo, que me digas,  
 Já que fazes tão bem d'estas cantigas,  
 Em que, apenas, entrei por curioso,  
 Se com esta rajada de amoroso  
 Poderei n'algum peito feminino  
 Doce chamma accender d'amor divino ;

Pois, se acaso p'ra tanto tenho geito,  
A's garrochas d'amor exponho o peito ;  
E, tornado em tornissimo poeta,  
Nunca mais cantarei uma só peta :  
Porém se esta canção por deslavada  
Em vez d'amor merece pateada,  
Dize-me que não presta—pois não zango,  
E torno-me a entreter co'o meu sandango.

Espero uma resposta ; e podes dal-a,  
Pois, por peior que seja, hei-de aceitá-la  
Sem por isso ficar desconsolado ;  
Antes, te ficarei muito obrigado.

## DELIRIO E VINGANÇA

**POESIA A TODA A FORÇA**

**Recitada no theatro de Variedades  
pelo actor Izidoro**

Inda bem que é livre a imprensa,  
 Sandices que o homem pensa  
 Pôde-as, afoto, dizer  
 F. X. de Novaes — OS MEUS DESEJOS.

—

Onde está ella ? ! . . a féra, que amei tanto ? ! . .  
 Que fez mil enxurradas de meu pranto ? ! . .  
 Onde está o dragão, que teve a audacia  
 D'enlouquecer o filho a D. Engracia ? ! . .  
 Fugiu ! . . que bem sabia que este braço,  
 A quem a raiva armou com fibras d'aço,

Era capaz de dar-lhe morte crua  
 Como quem mata um frango.. . uma perua ! ..  
 Fugiu ! .. mas hei-de achal-a — tenho dito —  
 Que, de certo, não fôra mui bonito  
 Da vingança ficar sem as delicias  
 Quem foi bravo sargento de milicias ! . . .  
 Hei-de eucontral-a ! . . . embora a fementida,  
 Que a cabeça me poz d'amor perdida,  
 Em cova mui profunda—e não redonda—  
 Nas entranhas da terra se me esconda ! . . .  
 Hei-de encontra-a ! .. ainda que ella esteja  
 Escondida entre mólhos de carqueja ! ..  
 Hei-de encontra-a ! .. e então, sentindo n'alma  
 Do escuro averno a abrazadora calma,  
 Raivoso lhe direi, fazendo acenos,  
 Estas palavras pouco mais ou menos :

Amei teu rosto formoso  
 Co'a mais ardente paixão,  
 Como ama um bom goloso  
 Uma brôa de cidrão ! ..  
 Amei-te com terna esp'rança ! ..  
 Amei-te como a creança  
 Ama o boi de papelão ! ..

Amei-te como o bom gato  
 O ratinho que caçou ;  
 Como a pata adora o pato,

Que no charco se creou ! . .  
 Amei-te como um menino,  
 Engraçado e pequenino,  
 Ama as festinhas do avô ! . .

Amei-te como o borracho  
 Ama a vinha do Senhor,  
 Quando bebe do Cartaxo  
 O saboroso licor ! . .  
 Amei teus afectos fracos,  
 E fiz meu peito em cavacos  
 A' força de tanto amor ! . .

E tu, leða assanhada,  
 Zombaste d'esta paixão !  
 Vibraste uma punhalada  
 N'este peito de Sansão !  
 Oh !!! tu déste-me agonias ;  
 Mas vou fazer em fatias  
 Teu perjuro coração ! . .

Maior vingança me abrasa !!!  
 Vês este agudo punhal ?  
 Pois olha . . . vou pôr-o em brasa,  
 Mettel-o em chamma infernal ! . .  
 E depois, com força — zás —  
 N'esse peito o sentirás,  
 Vendo-me rir de teu mal ! . .

Depois no cadaver, já frio, gelado,  
 A lama das botas irei esfregar ;  
 E, em raiva sentindo meu peito abrasado,  
 Que polkas mazurkas que eu hei-de dançar ! ..

E vendo, perversa, tuas cinzas guardadas  
 Já dentro de seio, medonho caixão,  
 Em vez de suspiros darei gargalhadas,  
 Cantando modinhas da minha paixão ! ..

Sentindo no peito fervor de mistura  
 Furor, alegria, rancor e prazer,  
 Darei mil pinotes, e muita diabrura,  
 Qual doido varrido, protesto fazer ! ..

E na sepultura da peior das Bernardas,  
 Que o mundo tem visto d'amantes zombar,  
 Em vez de ciprestes, só couves lombardas,  
 Repolhos, pepinos eu hei-de plantar !!!

Mas que disse ? ! .. Eu me arrepio ! ..  
 Perdoa-me, céo ! perdoa ! ..  
 Oh ! .. fôra um bicho bravio  
 Mais feroz que uma leâa ! ..  
 Que importa sel-o co'a ingrato,  
 Que me atormenta me mata,  
 E ainda em cima caçoa ? ..

Vou matar-a!.. Mas que é d'ella?..  
 Onde está esse dragão,  
 Que veio jogar a pella  
 Com meu pobre coração? !..  
 Onde te escondes, perjura?  
 (uma «Na sombra da sepultura...  
 voz) Queres-me ver? » Isso não !!!

Oh!.. não saias... por piedade!  
 Deixa-te estar que estás bem...  
 E talvez que não me agrade  
 Ver-te aqui sem mais ninguem!..  
 Dorme em paz o eterno sonho,  
 Que já me não pregas mono  
 Em me tratar com desdem!..

Dorme por noites eternas,  
 Não faças caso de mim,  
 Que já me vergam as pernas  
 De te ouvir fallar assim!..  
 E p'ra ver se o susto passa  
 Vou afogal-o em vinhaça  
 Na taverna do Penim... .

Vou beber com furia insana;  
 E depois, sombra, verás  
 Que os sumos do carraspana

**M**e tornam um ferrabraz!..  
**D**'uma aduéla faço escudo,  
**L**evanto este ferro agudo,  
**E** vem p'ra cá se és capaz!

**A**fogar em copo fundo  
**A**dôr vou, como os heroes,  
**Z**ombar d'almas do outro mundo,  
**Q**uebrar d'amor os anzóes!..  
**F**azer-te a chaga mais funda!  
**M**atar-te p'la vez segunda,  
**E** arrancar-te os caracóes!

**D**e pois, já vingado, dois ferros cortantes  
**E**mpunho ás mães ambas, enterro-os em mim..  
**E**nsono as ingratas, que zombam d'amantes,  
**A**' vida, que odeio, dou trágico fim.

**Tristezas gordas**

Vou chorar... vou chorar um pedaço,  
Que em meu peito ha canadas de fel!..  
A desgraça saltou-me ao cachaço  
Qual teimosa carraça cruel !

Adorei uma nympha engracada,  
Que achou gosto em tecer o meu mal!..  
Oh!!! matou-me essa nympha, chamada  
Martha Brites... de coisas e tal !

Eu amei-a qual se ama uma lasca  
 De siambre, que o Matta nos dá...  
 Qual se adora uma amendoa sem casca,  
 Um bom *beef* de carne da pá !

Este amor, que me pôz n'um brazeiro,  
 Ella viu com escarneo cruel...  
 Nem, sequer, se lembrou do dinheiro,  
 Que por ella gastei em papel !

Oh ! gastei... quatro resmas ou cinco,  
 Rabiscando ternuras sem fim...  
 Expressando paixões com affinco,  
 Que era um gesto escutal-as assim !

Sou infeliz sem segundo,  
 A minha sorte é fatal!...  
 Faça favor todo o mundo,  
 Venha carpir o meu mal!...  
 Quero ver em toda a gente  
 Bem expressivo e patente  
 O signal da negra dôr,  
 Que o coração me penetra...  
 Lamentem, chorem... etc.  
 A sorte d'um trovador !

Vivo triste... e com fastio  
 Para augmento do meu mal...  
 Não posso comer sasio,  
 Nem queijo do rabaçal!...  
 Nem á força de mostarda  
 Posso engolir uma sarda,  
 Nem uma peta em jejum!...  
 Minhas maguas são tamanhas,  
 Que até sonho com aranhas,  
 Sonho pior que nenhum!

A todos constando meu mal tão profundo,  
 De certo que o mundo meu mal sentirá...  
 Se alguem de meus prantos se não desconsolà,  
 Eu dou-lhe cebola... tambem chorará.

Só pôde, sonoro, ferir meus ouvidos  
 Dos tristes gemidos o magico som...  
 Quem quer que meu peito tão triste, se encante,  
 Sómente me cante dos mortos no tom.

Ouvir, alta noite, tocar um zabumba  
 Ao lado da tumba, n'um ermo, bem só,  
 Encansa-me o peito, qual d'antes ouvindo,  
 Ao longe ganindo, mimoso tótó.

**Apraz-me a tristeza... não quero galhofas...  
Não hei-de ir a sofás... nem ver arlequins...  
Não hei-de fartar-me de doce bolacha...  
Nem hei-de dar graxa nos pobres botins!**

**Se alguém, escutando tão triste tristeza,  
Não faz a fineza de bem me carpir,  
Não tem coração — que do peito perdido  
Lhe foi extraído, sem elle o sentir.**

**Os brutos sabios**

Fallando livre de peta,  
Digo e direi : — valem mais,  
Muitas vezes que os humanos  
Os brutinhos animaes :  
Ha homens rombos d'idéas,  
E com as cabeças cheias  
De teias d'aranha — só ;  
E cavallos tão matreiros,  
Que, vendo maus cavalleiros,  
Pregam com elles no pó.

**Ha burrinhos tão espertos,  
Que, sentindo tentações  
De ferrar na carga o dente,  
Pregam no chão co'os ceirões;  
E livres da *dita* carga,  
Dando allivio á sorte amarga,  
Vão descansados comer;  
E ha homens — até de farda —  
Que sem sacudir a albarda  
Vão vivendo até morrer.**

**Ha damas, que não conhecem  
Uma letra do alphabeto,  
E não distinguem — palavra —  
Uma abob'ra d'um soneto! . . .  
E com grande entusiasmo  
Eu já vi, cheio de pasmo,  
Pulgas de grande saber,  
*Industriosas* chamadas,  
Que, a trabalhar ensinadas,  
Davam ao dono o comer.**

**Ha n'este mundo meninas,  
Ou casadas, ou donzellas,**

Que passam o dia inteiro  
 Pespegadas nas janellas,  
 Esquecendo os seus trabalhos,  
 E, feitas uns espantalhos,  
 Nem sabem o *b a ba*;  
 E vejo *serviçaes* gatos,  
 Que pagam, matando ratos,  
 A quem espinhas lhes dá.

Ha muitas que não se atrevem,  
 Só por ter medo d'errar,  
 Se estão diante de gente,  
 A abrir a bocca, e fallar;  
 Temem dizer mil asneiras,  
 Parvoices, baboseiras,  
 Palavrinhas sem sabor;  
 Porém, sem fazer ensaio,  
 Em publico o papagaio  
 Eguala a muito orador.

E quasi que afirmar posso,  
 Que tomaram deputados  
 Fallar como papagaios  
 Na gaiola empoleirados! . .

Pois os seus discursos graves  
 Não vencem os d'estas aves,  
 Oriundas do Brazil :  
 Ellas teem lindas prelengas,  
 Elles no fim das arengas,  
 Só fazem leis de funil.

O rouxinol sonoroso,  
 Que solfa não aprendeu,  
 Quando sólta o lindo canto  
 Sempre o peito commoveu ;  
 O melro, quando assobia,  
 Sabe com sua harmonia  
 O coração encantar ;  
 E homens, como eu, aos milhares,  
 Nem modinhas populares  
 Se atrevem a assobiar.

O homem ao bemfeitor  
 Recompensa com maldade ;  
 O cão é, e será sempre,  
 Symb'lo da fidelidade ;  
 O leve e astuto macaco,  
 Vestido com seu casaco,

Dá saltos de trampolim ;  
 O homem menos *pelludo*  
 Precisa de grande estudo  
 Quando quer ser arlequim.

Trabalha de noite e dia  
 A providente formiga,  
 Amontoa os mantimentos  
 Porque tem dó da barriga...  
 E ha homens — até casados —  
 De sizo tão desgraçados,  
 Que passam mil privações ;  
 E, a chorar n'um desatino,  
 Dão as culpas ao destino,  
 E, por sim, são mandriões.

A' vista d'estas verdades,  
 A que ninguem chame enganos,  
 Ao ver mil brutos espertos,  
 E mil pacovios humanos ;  
 Direi — que se a bicharia  
 Vier a alcançar um dia  
 Da palavra o bello dom,  
 Será cruel e tyranna,  
 A vaidosa raça humana  
 Descompondo alto e bom som.

**As settas de Cupido**

---

No mundo o amor é tão velho  
Que devia ter bolor;  
Porém pinta-se um fedelho  
Cupido, que é deus do amor!...  
Scismo com isto bastante...  
Porém vamos adiante,  
Que não me é dado poder  
Profundar este mysterio;  
Quem tomar o caso a sério  
E' capaz d'endoidecer.

Dizem que este creançola,  
 De subidas perfeições,  
 Agudas settas amola  
 Com que espeta corações ;  
 Dizem que tem engracada  
 Aljava d'ouro, ou doirada,  
 Onde as armas crueis traz ;  
 E que fere noite e dia  
 Com tão certa pontaria,  
 Que melhor ninguem a faz.

E dizem que, por mais duro  
 Que já seja um coração,  
 Elle, se quer, lhe faz furo  
 Com seu agudo farpão :  
 E é por isso, certamente,  
 Que nós vemos tanta gente,  
 Teimando inda em captivar  
 Lindos rostos prazenteiros,  
 Sem ver que os muitos janeiros  
 Fazem-lhe o lombo vergar.

Dizem que o tal deus Cupido,  
 Lindo, travesso rapaz,

Em seu *brincar* atrevido  
 Não deixa ninguem em paz :  
 Dá-lhe a mosca, ou a veneta,  
 Despede bicuda setta,  
 E fere sem compaixão,  
 Seja rapaz engracado,  
 Seja torto, ou aleijado,  
 Seja gigante, ou anão.

As meninas engracadas,  
 De carinha de primor,  
 Soffrem — dizem — mil picadas  
 Das settas do tal senhor ;  
 Padecem as coitadinhas,  
 E ficam como louquinhas  
 Noite e dia a suspirar...  
 E o seu mal é tão profundo,  
 Que esquecem tudo no mundo,  
 Só lhes lembra namorar.

Com fogo, que não se apaga,  
 Namoram aos dois, aos tres,  
 Quando foi profunda a chaga,  
 Que a setta n'alma lhes fez ;

E a tanto chega a loucura,  
 Que não olham formosura,  
 Não teem o dom d'escolher ;  
 Por isso bellezas raras  
 Engraçam com certas caras,  
 Que devem medo fazer.

Tambem esbeltos janotas  
 Rendem finezas, d'amor  
 A desdentadas velhotas,  
 Com faces de *rubra* côr ;  
 Fazem-lhes ver que andam tontos,  
 E a dar alma e vida prompts  
 P'los encantos *divinaes*  
 De tão medonhas *caveiras*,  
 Que, postas sobre figueiras,  
 Espantariam pardaes.

Por causa do deus magano  
 Soffrem-se penas sem fim ;  
 Mas elle co'os mais tyranno,  
 Não dispara um tiro em mim ! ..  
 Temerá o deus perfeito  
 De quebrar n'este meu peito

O melhor farpão, que tem?  
— Não, não teme a resistencia;  
E' que tem de mim clemencia,  
E faz elle muito bem.

**Não tenho Lyra**

---

N'este mundo é coisa bella  
Ter lyra d'alto condão,  
E, render, cantando n'ella,  
Das bellas o coração :  
Instrumento mais mavioso,  
Mais suave e portentoso,  
E que mais infunda amor,  
Não o tem o mundo inteiro ;  
A lyra excede o pandeiro,  
Agrada mais que o tamber.

Ah ! que se eu tivesse lyra  
 Das taes d'*encantos sem par*,  
 Affirmo aqui, sem mentira,  
 Passára a vida a cantar...  
 Desditoso, e coitadinho  
 De quem fosse meu visinho,  
 Que tinha que me soffrer ;  
 Pois ou de noite ou de dia,  
 Eu, com a minha *harmonia*,  
 Fal-o-ia endoidecer.

Todas as bellas que eu visse  
 Com olhinhos de tentar,  
 Sómente por bregeirice,  
 Havia de captivar :  
 Com garbo a lyra empunhando,  
 E, harmoniosos, soltando  
 Cantos d'*insigne primor*,  
 Dissera á minha beldade :  
 E's amor ! anjo ! deidade !  
 Eu sou fulano... o cantor.

Os teus lustrosos cabellos  
 São d'amor doces prisões !

Esses teus olhos tão bellos  
 Dois abrasados carvões ! . .  
 A tua bocca mimosa  
 E' a mais brilhante rosa,  
 Que formou a mão d'amor ! . .  
 Teus dentes são jaspe fino . . .  
 O teu nariz pequenino  
 E' . . . seja lá o que for.

Dissera-lhe : anjo perfeito,  
 Gaz d'este meu coração !  
 Por ti sinto n'este peito  
 Amor fervendo em cachão ! . .  
 Só em ti minh'alma pensa . . .  
 E se lhe dás a sentença  
 De lhe negares amor . . .  
 Dás-me sentença de morte . . .  
 E verás com *agua forte*  
 Envenenar-se o cantor !

Depois, em cruel delirio  
 De mil ferventes paixões,  
 Pintara-lhe o meu martyrio  
 Com terríveis expressões . . .

Dissera-lhe — vês da campa  
 Pouco a pouco erguer-se a tampa?..  
 Vês os ciprestes além?..  
 Vês o coveiro risonho?..  
 Este apparato tristonho  
 E' p'ra mim... p'ra mais ninguem!

Olha aberta a sepultura...  
 Se um piparote me dás  
 Com alma raivosa e dura,  
 Perco o equilibrio, e zás,  
 Cáio p'ra sempre na campa...  
 E depois, fechada a tampa,  
 Não se torna mais a abrir...  
 Mas a minha sombra irada,  
 Em um lençol embrulhada,  
 Ha-de teus passos seguir.

Qual seria a linda môça  
 De sensivel coração,  
 Em quem não fizesse móssa  
 Com minha bella canção?!..  
 Todas, todas, todas ellas,  
 Ouvindo-me as phrases bellas,

**Sentiriam** n'alma ardor...  
**Todas diriam,** de certo :  
«Oh ! que rapaz tão esperto !  
«Gosto d'elle... sim, senhor.»

Só de em tal pensar delira  
O meu pobre coração...  
Mas p'ra quem não toca lyra  
Tantas venturas não são !...  
Oh ! feliz de quem é vate,  
E, rimando um disparate,  
Conquista um ser ideal !...  
Mas, comtudo, soffre dôres,  
Que o que lhe sobra em amores  
Falta-lhe sempre em metal.

**Um velho de bom gosto**

Que importa que a côr grizalha  
 Me infame o rosto ronceiro,  
 Se em quanto da Europa ralha,  
 Leva saílador barbeiro  
 Os meus annos na navalha ?  
 Tolentino — Saty — O velho.

Sou velho — negar não posso  
 Esta verdade, que enjoia ;  
 Mas n'este peito ñda moço  
 Existe amor em pessoa...  
 Não riam de ver um velho,  
 Que não aceita o conselho,  
 Que a natureza lhe dá...  
 Fôra rir por coisa pouca ;  
 Digam só, abrindo a bocca :  
 Que ratão !... Ora não ha !

Desculpem-me esta fraqueza  
 De que culpado não sou ;  
 Do deus Cupido a fereza  
 Foi quem assim me tornou :  
 — Palavra — o tal diabrete  
 Nem quer sair a cacete  
 D'este pobre coração,  
 Onde faz tamanho damno,  
 Nem dar baixa a um vet'rano,  
 Praça do seu batalhão.

Se alguem me atacar de frente  
 Perguntando : «inda és feliz ? »  
 Responderei de repente :  
 Sim senhor, é como diz...  
 Não ha bella, por mais bella,  
 Que resista a uma olhadella,  
 A um volver d'olhos que eu dê...  
 Como as moscas no melaço,  
 Todas me cáem no laço,  
 Sem mesmo saber porquê.

Sei porquê — presentemente  
 Nada falta em Portugal ;

**A França é tão providente,**  
**Que dos annos cura o mal...**  
**Se o não cura, a vista embaça,**  
**Emprestando nova graça**  
**A quem nenhuma já tem...**  
**Aqui 'stou eu — sou um ginja,**  
**Mas ha 'bi quem melhor finja**  
**Um janota? digam; heim?**

**França! patria da pomada**  
**De cheirinho tentador,**  
**Quanto te deve a velhada,**  
**Que perdeu do rosto a côn!**  
**Quanto a velha tartaruga,**  
**Que quer alizar a ruga,**  
**Encobrindo o ser avô!..**  
**Quanto a que em vaidosa pécca,**  
**E p'ra tapar a careca**  
**Precisa lindo chinó?!**

**Quanto te deve o marido,**  
**Que se lembrou de casar**  
**Co'uma velha, com sentido**  
**De bom dinheiro encontrar?..**

Se jámais vê sem desgosto.  
 O engelhado e feio rosto,  
 — Que não foi quem o rendeu —  
 Besunte-o bem com pomada,  
 Verá que a dama lhe agrada,  
 Seja ella um camaseu.

E aquella já desdentada,  
 Que grande vista não faz,  
 Se comprar uma queixada  
 Do Vitry — obra capaz ? ..  
 Que lindos dentes aquelles !  
 E tão bonitos são elles,  
 Tão polidos, tão eguaes,  
 Que, p'ra agradar aos derriços,  
 Ha quem os ponha posticos,  
 Arrancando os naturaes.

Sou velho, mas não arreio ;  
 Graças a taes invenções,  
 Encontrei seguro meio  
 De render mil corações ;  
 E não pensem que me emprégo  
 Em namorar como um cégo,

**Que sempre á tōa escolheu:  
Não tenho a velhas cobiça,  
Tēem corações de cortiça,  
E p'ra velho basto eu.**

**Gasto a manhã, quasi inteira,  
Enfeitando-me no tom,  
Ageitando a cabelleira,  
Que me vendeu o Baron:  
Depois dê bem preparado,  
Lavadinho e perfumado,  
Sáio a passear então,  
Vergando linda chibata  
De castañosinho de prata,  
E ponteira de latão.**

**Sou um janota perfeito,  
Quando entro em qualquer café...  
Apenas tenho um defeito:  
Não fumo; tomo rapé,  
Sei do charuto a virtude  
Mas o fume inda nāo pude  
Perto das gueirás sentir:  
E' minha grande desgraça,**

Em tomado uma sumaça  
Começo logo a tossir.

Se vejo linda donzella,  
Que anda só a passear,  
Vou-mé chegando p'ra ella,  
E começo a conversar:  
«A menina vae sósinha...  
«Não tem medo... coitadinha...  
«Aceita o meu braço?... sim?...  
«Tem aqui um cavalheiro,  
«Que, seguindo-a prazenteiro,  
«Vae do mundo até ao fim.

Este sistema amoroso  
— Que não é minha invençao —  
Já me rendeu um famoso,  
E tremendo bofetão:  
Deu-m'o formosa donzella  
A quem eu chamei estrella,  
Deidade, e não sei que mais...  
Foi um sopapo d'arromba,  
Que além de esmurrar a tromba,  
Quebrou dois dentes queixaes!

Mas soffri tanta rudeza  
Sem, comtudo, me zangar,  
Que os *tabelos* da belleza  
Não se devem desprezar.  
Dos amores no caminho,  
A par de muito carinho  
Desgosto sempre ha algum.  
— Namore a rapaziada,  
Que eu, pertencendo á velhada,  
Não fico atraz de nenhum.

**MOTE**

Das frias campas surgindo  
 Dois esqueletos mirrados,  
 Dançam a polka janota  
 Sobre a terra dos finados.

**Glosa**

Nas veias o sangue géla,  
 Abafa-se o coração,  
 Quando faço a narração  
 D'esta historia... negra é ella !  
 Minha mente se atropella  
 As idéas confundindo...  
 Ao som d'um rumor, saíndo  
 D'entre a terra dos finados,  
 Vi dois vultos animados  
 Das frias campas surgindo !

Erguem-se... saem... caminham...  
 Um vae o outro encontrar...  
 Em breve os vejo abraçar  
 Com longos braços que tinham...  
 Pouco a pouco se avisinharam  
 Para mim os dois finados...  
 Os cabellos erriçados  
 Logo na fronte senti,  
 Quando perto de mim vi  
 Dois esqueletos mirrados.

Passados poucos instantes  
 Ensaiam com voz sumida,  
 Certa moda conhecida,  
 Que faz pular os amantes...  
 Mais medonhos que elegantes  
 Dão as mãos ao som da nota;  
 E, soltando uma risota  
 Das resequidas caveiras,  
 Buscando airosas maneiras  
 Dançam a polka janota.

Mas eis que os viu o coveiro,  
 Que a taes horas não dormia,

E' p'ra pôr termo á folia  
Veio correndo ligeiro ;  
Gritou-lhes n'uim tom grosseiro :  
« Oh ! desuntos mal creados,  
« Com dois fortes cadeados  
« Hei-de-os nas campas fechar,  
« P'ra não virem *pandigar*  
« Sobre a terra dos finados.

**Um veterano das campanhas da praça  
do Salitre**

---

Fui um valente soldado,  
Que mil victorias ganhei. . .  
Porém não fui reformado  
Por um defeito da lei ! . .  
Sim, senhores, um defeito ;  
Pois quem expõe o seu peito  
Como eu tanta vez expuz,  
Fazendo moiros em cacos,  
Merece bem dois patacos,  
Merece ao peito uma cruz.

A nação um dia arbitre  
 A paga d'esses serviços,  
 Que na praça do Salitre  
 Fiz com bigodes posticos.  
 Aquillo é que eram façanhas ! . .  
 E não passam por patranhas,  
 Pois inda ha filhas e mães,  
 Que deram co'as mãos estoiros,  
 Vendo os revezes dos moiros  
 A trôco de seis vintens.

Uma vez, qual sero Marte,  
 Ou façanhudo Roldão,  
 Matei com um bacamarte  
 Metade d'um batalhão ! . .  
 E, não contente com isto,  
 A outra metade invisto  
 P'ra lhe dar equal quinâo . . .  
 Querem pôr-se na pirezâ,  
 Mas dou remate á proezâ,  
 Matando tudo a calhau.

Era o general Serrate  
 Quem nos commandava então,

Vermelho como um tomate,  
 Pois temeu revez na acção ;  
 Porque a gente do turbante  
 E atrevida e chibante,  
 E não foge d'ouvir — pum ! . .  
 Trinta mil moiros morreram ! . .  
 E dos nossos, que venceram,  
 Nem, sequer, nos morreu um !

Quando recordo com pasmo  
 Aquellas acções guerreiras,  
 Que davam entusiasmo  
 A quem 'stava nas trincheiras.  
 Chega-me ás ventas o esturro . . .  
 Quero mentar em um burro,  
 E depois pôr-me a gritar,  
 Brandindo dura catana :  
 Vêmos matar o pantana,  
 Que é onde tudo vae dar !

Não digam que estas façanhas  
 Não valem dois caracões,  
 Que da praça as mil campanhas  
 Fizeram grandes heroes !

Lá não havia um covarde !  
 Todos faziam alarde  
 Em o seu valor mostrar !  
 Alli, co'a mira em conquistas,  
 Por entre o fogo de vistas  
 A' brecha se ia avançar !

E se alguma falcatrua,  
 Por acaso, alguem lá fez,  
 Posto no meio da rua  
 Logo foi a pontapés ;  
 Porque aquella gente brava  
 A quem traidor se mostrava  
 Sabia dar correcção...  
 E se em tudo assim se usára,  
 Outro gallo nos cantára,  
 Não houvera uma traição !

Mas quem em tantos conflictos  
 Mil tropheus soube ganhar,  
 Agora vende palitos  
 Se quer pão p'ra mastigar !...  
 E' triste!... mas não me zango,  
 Porque nunca almoçou frango,

Nem *okincou* lopibo de boi  
Soldado, que fez campanha :  
Quem mais faz menos apanha ;  
O mundo sempre assim foi.

**O mundo anda torto**

Este mundo anda torto, e retorcido,  
'Stá fóra de seus eixos e perdido ;  
Porém deixal-o andar por este geito  
Já que poder não ha p'ra o pôr direito.  
Vejo todas as coisas transtornadas ;  
Vejo os homens andarem ás pancadas,  
Em quanto muitos bois, com paz suave,  
Vão puxando o seu carro em passo grave.

Vejo muitas mulheres, que teem labias,  
 Ignorantes ao pé das vacas sabias,  
 E não soltando a voz em tom amavel  
 Sem dizer baboseira formidavel.  
 Vejo muitas meninas preguiçosas,  
 E pulgas eu já vi industriosas,  
 Que, em logar d'estorvar o brando somno,  
 Ganhavam bom dinheiro p'ra seu dono.  
 Vejo muitos, que teem lingua damnada,  
 Passearem sem freio, á regalada,  
 Em quanto andam cavallos com mazellas  
 Por causa de bons freios e barbellas.  
 Vejo a bella fallando ao seu amante,  
 Dizendo asneiras mil a cada instante ;  
 E junto o papagaio, na janella,  
 Empregando melhor a *taramella*,  
 Dizendo, sem receio, expressão grossa,  
 Que o rapaz faz fugir — que não quer troça.  
 Vejo homens de saber sempre calados,  
 Sem abrirem o bico ; e alguns chapados.  
 Graúdos toleirões — té com demencia —  
 Fazendo-nos perder a paciencia  
 Com arengas compridas, que dão sécca,  
 E nos fazem, por sim, dôr d'enxaqueca.  
 Vejo o homem, que aveza poucos fundos,  
 Gastar moeda e meia em dois segundos ;  
 Em quanto alguns, que são ricos *freguezes*,  
 P'ra gastar trinta réis tremem tres vezes.

**Vejo creanças mil calcando o solo,  
E cães, que correm bem, andar ao collo :  
Vejo, emfim, n'este mundo tanta asneira  
Que não posso calar-me, antes que queira ;  
E hei-de sempre dizer p'ra meu conforto :  
—O mundo é torto, é torto—é muito torto.**

**Quem me dera ser pintor !**

Não quizera ser poeta,  
Só quizera ser pintor,  
Pois entendo que a pintura  
Rende mais, tem mais valor.

Antes qu'ria manejar  
A palheta e o pincel,  
Do que compor em mil versos  
Um poetico aranzel ;

**Pois pintára, alegremente,  
(Cada qual lá tem seus fracos)  
Lindos quadros primorosos  
Só compostos de macacos ;**

**E estou certo que alcançará  
Uma fama desmarcada,  
Muito embora me chamassem  
O pintor da macacada.**

**Dizem que é balda em macacos  
Os homens arremedar ;  
E eu julgo, ás vezes, que os homens  
Trabalbam p'ra os imitar :**

**Mas seja lá como fôr,  
Tal não quero decidir ;  
O que digo, com certeza,  
E' que todos fazem rir.**

**Faz o mono macaquices,  
E faz rir com variás petas ;  
Porém o homem faz mais ;  
— Faz caras, e faz caretas.**

Dá mil saltos o macaco,  
 E saltinhos o saguim ;  
 O homem também os dá,  
 Mesmo sem ser arlequim.

E muitas vezes até,  
 Commettendo graves faltas,  
 Salta por cima de coisas . . .  
 E de coisas muito altas !

O macaco trepa muito  
 Sem que o trepar o incomode ;  
 O homem cá n'este mundo  
 Só não trepa se não pôde.

Dança o macaco amarrado,  
 E o dono vintens apanha ;  
 Anda o homem n'uma dança  
 Preso por teias d'aranha.

O macaco finge d'homem,  
 Vestido com seu casaco ;  
 O homem, p'ra ter dinheiro,  
 Finge ás vezes de macaco.

**Por ver que é quasi este bicho  
Do homem copia fiel,  
E' que eu tenho bons desejos,  
De manejar o pincel.**

**Se muitos pintam airosas  
Lindas figuras humanas,  
Eu pintára os animaes,  
Que se nutrem de bananas ;**

**E teriam os meus quadros  
Copiados com verdade,  
Na falta d'outros encantos,  
O valor da novidade.**

**Ganhava bello dinheiro,  
Ficava rico em seis mezes,  
Se vendesse as minhas obras  
Aos amadores inglezes.**

**Espalhando pelo mundo  
Os meus quadros de primor,  
Accrescentava na historia  
Mais o nome d'um pintor ;**

**E quando chegasse a vez  
De eu descer á sepultura,  
Sei que tinha este epitaphio  
Gravado na pedra escura :**

—Aqui jaz José Ignacio,  
Que ganhou bellos patacos :  
Deixou á posteridade  
O seu nome, e os seus macacos.

**Uma loja de barbeiro ao sábado.**

Quem se entretem ouvindo novidades,  
E gosta de saber da vida alheia,  
P'ra bem satisfazer curiosidades  
P'riodicos não compre, nem os leia ;  
Pois ha-de encontrar mais variedades,  
E verá como bem mais se recreia,  
Se n'uma loja entrar d'um bom barbeiro,  
Insigne curioso, e paroleiro.

O sabbado é o dia em que mais vezes  
 A loja d'um barbeiro se vê bella,  
 Pois usam grande parte dos freguezes  
 N'este dia fazer a *rapadella* ;  
 E' então que em mil scenas d'entremezes  
 Alli se vae soltando a taramella,  
 A todos, proferindo expressões *guapas*,  
 Mostram bem que na lingua não tem papas.

Vou fazer d'uma loja de barbeiro,  
 Se puder, a pintura rigorosa,  
 O que, além de sabido, é corriqueiro  
 Em verso vou cantar, que cheire a prosa ;  
 Mas oiça-me sómente o bom peteiro,  
 Ou quem de o ser a fama, ao menos, goza ;  
 — E' réles esta loja, que aqui pinto —  
 A pintura ahi vae — digam se minto.

Sentados em pobrissimas cadeiras  
 Se veem figurões de typos varios,  
 A'cerca das noticias estrangeiras  
 Fazendo curiosos commentarios ;  
 E mostrando na voz, e nas maneiras  
 Que não são de miolos ordinarios,  
 Mas, sim, de taes talentos sublimados  
 Que podiam até ser deputados.

Um falla sobre a sorte do paiz,  
 E clama que nós somos desgraçados,  
 Este deseja mais ferreos carrís,  
 Aquelle quer os que ha ver acabados,  
 E teima que ninguem será feliz  
 Em quanto se comprarem deputados ;  
 Outro diz : «nossas penas, e zanguinhas  
 «Hão-de vir a findar co'o mal das vinhas.»

Aqui mette o barbeiro o seu bedelho,  
 E solta fortemente um appoiado,  
 Deixando descançar um pobre velho  
 Que era nos tristes queixos maltratado ;  
 Pois que com a navalha — (antes chavelho)  
 Tinha seis fundos golpes já levado,  
 E, penando entre as mãos do mestre bruto,  
 Fazia mil caretas n'um minuto.

«Appiado ! senhor José Gregorio,»  
 Diz o barbeiro, e coça na careca,  
 E começa com sabio palavrorio  
 A lastimar o mal que as uvas sécca :  
 Diz que o vinho da tasca é vomitorio,  
 E que só nosso mal irá co'a bréca  
 Quando em mui latga escala Portugal  
 Caixotes exportar d'uva ferral.

Com cara d'importancia e parvalheira  
 Eis entra um figurão de perna esguia,  
 E repimpar-se vae n'uma cadeira  
 Que da loja a um canto acha vazia :  
 O mestre o comprimenta de maneira  
 Que até lhe dá tres vezes senhoria ! . . .  
 Quem é, dirá alguem, este senhor ?  
 — Nada menos nem mais que o regedor.

«Ora saiba bocé seu Zé Parola,»  
 Diz do bairro a famosa authoridade,  
 «Que deram tres pauladas na cachola  
 «D'aquelle meu besinho, que foi frade.»  
 — «Sim ? ! Quem foi o maroto, o mariola ? »  
 Diz o barbeiro com curiosidade,  
 E lá pára outra vez no movimento,  
 E lá fica o freguez de cara ao vento.

O regedor então, narrando o caso,  
 Faz a tudo assombrar que está presente,  
 Mostra como acudira, por acaso,  
 Co'um arrogante cabo, heroe valente ;  
 E diz : «quando eu cheguei foi tudo raso ! . . .  
 «Dispersei com audacia a toda a gente,  
 «E saltando depois sobre o culpado,  
 «Para o Carmo o mandei—bem amarrado.»

Proeza de tamanha valentia  
 E' por todos ali engrandecida,  
 Incha-se o regedor da freguezia  
 Por ver que a sua acção por grande é tida ;  
 Porém deixal-o inchar, que se é mania  
 Julgar-se um regedor coisa subida,  
 Tambem d'esta molestia teem ataques  
 Bafofos medalhões, nobres basbaques.

Aqui muda a conversa, e vem á balha  
 Da vizinhança a vida toda inteira ;  
 Ninguem pôde escapar-lhes pela malha,  
 Pois n'isto todos fallam de cadeira ;  
 Qualquer d'estes ratões lida e trabatha  
 Por mostrar que não tem podre caveira;  
 E que bem se diverte e se recreia  
 Em vir assoalhar a vida alheia.

Ha tal, que tanto indaga, que consegue  
 Apontar mil namoros um por um,  
 Saber quem o preceito á risca segue  
 De comer peixe em dia de jejum ;  
 E tudo quanto diz ninguem lh'o negue,  
 Que se o peixe foi pargo, ou foi atum  
 E' capaz de dizer com segurança  
 Este grande espião de vizinhança.

Ha tal que sabe até quando os maridos  
 Dão nas caras metades chicotadas,  
 Ou quando são por elles sacudidos  
 Com muita caeçoleta e bofetada ;  
 De tal sorte a estas *graças* presta ouvidos,  
 Que, por sism, não lhe escapa mesmo nada,  
 E até sabe dizer em phrazes bellas  
 Se a rasão d'elles era, ou era d'ellas.

Mas a todos bastante o *mestre* excede,  
 (O que me não espanta, que é barbeiro)  
 E com gentinha tal ninguem se mede  
 No officio de curioso verdadeiro ;  
 Quem uma novidade só lhe péde  
 Tem certo o ouvir d'ellas um milheiro,  
 Pois barbeiro, seis mezes n'uma rua,  
 Sabe a vida dos mais melhor que a sua.

Ouvindo estes versinhos de chalaça  
 Não fiquem os barbeiros mal comigo,  
 E quando algum a minha barba faça  
 Não me queira dar golpes por castigo ;  
 Mas desdiga, se rimas também caça,  
 Em verso tudo quanto em verso digo ;  
 E saiba que isto em mim não é maldade,  
 Mas gosto de dizer o que é verdade.

Dou por feita a pintura ; e se me accusa  
Alguem de mau pintor, e pouco exacto,  
Não se esquente comigo, mas escusa  
De me mandar tirar o seu retrato :  
A quem disser que é pobre a minha musa  
Pedirei que lhe compre melhor fato ;  
E até mesmo os barbeiros, com quem mango,  
D'esta obra digam mal, que eu nãome zango.

**A queda do Neptuno do Loreto**

O que é isso, Neptuno ? ! deus potente ? !  
Perdeste a tua antiga sob'rancia ? !  
Já te escapa das mãos esse tridente,  
Que as bravas ondas amansar sabia ? !

Desces do pedestal, que era teu throno,  
Aonde carrancudo te ostentavas ? !  
Acaso já não tens, alma de mono,  
Ensorecidas ondas por escravas ? !

Já não tens um Tritão a teu serviço,  
 Que o seu buzio soprando a teu mandado,  
 Faça erguer em furioso reboliço  
 Numerosos heroes do mar salgado ? !

Não encontras do mar deuses valentes,  
 Capazes de fazer *uma bernarda*  
 Contra esses atrevidos, e insolentes,  
 Que te querem fazer hoje em mostarda ? !

«Lá n'essas antigas éras  
 Meu poder era sem par...  
 Governei... fui rei devéras...  
 Era meu o immenso mar!...  
 Levantando o meu tridente,  
 Via a meus pés de repente  
 Monstros mil de forma ingente  
 Tremendo de me escutar!...»

As ondas ensurecendo  
 Tudo sabia vencer!...  
 Porém foi enfraquecendo,  
 Dia a dia o meu poder!...»

O destino, ainda incompleto,  
 Concedeu que o meu espelho  
 No chafariz do Loreto  
 Mostrasse a quem o quiz ver! . .

Porém da sorte os azares  
 Me qu'riam mais infeliz! . .  
 Não bastava ao rei dos mares  
 Ser chefe d'um chafariz! . .  
 Não bastou, dias inteiros,  
 Ouvir os cantos grosseiros  
 D'atrevidos aguadeiros,  
 Sentados nos seus barris! . .

Cedendo á suria tyranna  
 Da cam'ra municipal,  
 Desço como um vil banana  
 Do meu nobre pedestal! . .  
 O vislumbre da grandeza! . .  
 Da minha antiga nobreza  
 Vae succumbir á fereza  
 D'um camarista brutal! . .

Que mais resta ao fado escuro  
 Para aumentar meu sofrer?

N'algum cheiroso monturo  
 Ir, esquecido, viver!..  
 Como é fundo o meu tormento,  
 Vendo em tanto aviltamento  
 Quem no humido elemento  
 Teve sob'rano poder?..

Meu peito a custo resiste  
 A tão duro e cruel mal!..  
 Minha maior dôr consiste  
 Em ter nascido immortal!..  
 Neptuno!.. deus desgraçado,  
 Serás, apenas, lembrado  
 Por poeta improvisado,  
 Author de versos sem sal!..

Ouvi-me, ó gallegos — os saccos largando,  
 Cobrindo de crepes os vossos barris,  
 Soltae tristes prantos ao ver desabando  
 Quem pôde na queda quebrar o nariz.

E vós, ó poetas de boa e má raça,  
 A quem fazer versos cansaço não faz,  
 Em tristes endechas cantae a desgraça  
 De quem do Loreto já foi capataz.

**Aquillo é que não olhos!**

São uns olhos... ou antes fachos,  
Que accendem viva paixão !  
São d'amor doces fogachos,  
Que abrasam meu coração !...  
São uns olhos penetrantes,  
Que lançam fogos brilhantes,  
Como ardendo chammejantes  
Seis barricas d'alcatrão !

São uns olhos, que teem setas,  
 Que no peito ferir vem ! . .  
 Não houve, nem ha poetas  
 Capazes de os cantar bem ! . .  
 São uns olhos, que me rendem,  
 Que *fallam*, mas não se entendem,  
 E que dentro d'alma accendem  
 Um amor por hi além !

São olhos, que teem segredo  
 De dar vida n'um olhar,  
 E fazer morrer de medo  
 Da raiva no scintillar ! . .  
 São uns olhos d'alto preço,  
 Que formou o deus travesso  
 P'ra fazer virar do avesso  
 Quem não nasceu para amar !

São olhos onde se abriga  
 O tição d'amor a arder !  
 Teem muito que se lhes diga,  
 Nem eu mesmo o sei dizer ! . .  
 São, finalmente, primores !  
 Por elles morro d'amores . . .  
 Mas se canto os seus louvores  
 Digo asneira de tremor.

**A Marilia**

Tenho pena, Marilia formosa  
De não ser um poeta de truz,  
Para em linda canção sonorosa  
Ir cantar de teus olhos a luz.

Tenho pena de não achar musa,  
Que me inspire versinhos d'amor,  
Terno estylo, que agora só usa  
Quem as bellas quer ter a favor.

Tenho pena se esbelta, uma dama  
 Lê meus versos com pouca attenção,  
 E no fim da leitura me chama,  
 Não poeta... mas sim um *ratão*.

Tenho inveja a mil bons trovadores,  
 Que em amor são perfeitos heroes;  
 E que pescam risinhos, e amores  
 Com seus versos, que servem d'anzoes.

Tenho inveja se vejo alguns vates  
 Fabricando versinhos de mel;  
 E apurando d'amor os quilates  
 P'ra caçar as pombinhas sem fel.

Tenho inveja... pois vejo que todos  
 Rendem todas as bellas, por sim,  
 Que, attrahidas p'los doces engodos,  
 Nem, sequer, uma fica p'ra mim!

Ter inveja é peccado, conheço,  
 Mas um *vate* não deve singir;  
 E' por isso que aqui me confesso,  
 Nem eu devo a Marilia mentir.

Já que me tem tal quisilia  
 A doce musa d'amor,  
 Bem podias tu, Marilia,  
 Transformar-me em trovador ! . .  
 Dá-me só um teu carinho,  
 Uma careta, um risinho,  
 Dize que sou teu bemsinho,  
 E verás que eu sou cantor.

A minha mente confusa  
 Então se ha-de illuminar. . .  
 Tendo Marilia por musa,  
 Terei condão d'encantar ! . .  
 Verás esta alma abrazada,  
 Por teus olhos inspirada,  
 N'essa tua agua furtada  
 O seu Parnaso encontrar !

Fallando do deus vendado,  
 Irei contente, meu bem,  
 Colher comigo a meu lado  
 Florinhas, que o prado tem. . .  
 E que conversa amorosa,  
 Tão innocenté e chistosa,  
 Ora em verso, e ora em prosa  
 Nós teremos lá tambem !

Em altos gozos submersos,  
 Sentindo encanto e prazer,  
 A's rosas faremos versos,  
 Se rosas por lá houver ...  
 Em doces trovas divinas  
 Cantaremos as boninas,  
 Flores grandes, pequeninas,  
 Sem uma só esquecer !

Em linda noite estrellada  
 Iremos, tu e mais eu,  
 Ver da lua prateada  
*Pallido rastro sem véu...*  
 Subirei d'um serro á ponta,  
 E, com vista aguda e prompta,  
 De lá sommarei a conta,  
 Das estrellinhas do céu !

Poeta na lyra destro  
 Eu serei por teu favor,  
 Mostrarei prodigios de estro  
 Contando historias d'amor !  
 Historias de tal maneira,  
 Que em peitos de pedrenera  
 D'amor a doce fogueira  
 Hão-de accender com vigor !

Farei pasmosos romances ;  
 E em tão subida porção,  
 Que hei-de fazer que te cances  
 Quando os leres ao serão ! . . .  
 Verás o que são ternuras,  
 Chammas ardentes e puras,  
 Paixões, extremos, finuras  
 D'inspirado coração !

Ah ! vem, Marília, mostrar-me  
 O teu olhar, que seduz ! . . .  
 Ah ! vem o peito inspirar-me  
 Com tua divina luz ! . . .  
 Faze que eu viva encantado,  
 E que te fique obrigado,  
 Sendo um vate assucarado  
 Qual pausinho d'alcaçuz.

**NOTE**

Faz annos D. Narcisa,  
 E Narcisa é o meu bem ;  
 Quero levar-lhe um presente  
 A's escondidas da mãe.

**Glosa**

'Stou hoje muito contente,  
 Todo eu sou alegria,  
 Que para mim este dia  
 E' dos outros differente :  
 Trabalhe macio pente  
 A ver se o cabello alisa ;  
 Vestirei fina camisa  
 Com mil pregas no peitilho,  
 Que este dia é d'alto brilho,  
 Faz annos D. Narcisa.

E' p'ra mim dia de gala,  
 Portanto, avante, haja luxo ;  
 Que não passe eu por galucho,  
 Junto a quem meu peito abala :  
 Finas maneiras de gala,  
 Por favor, me ensine alguem ;  
 Venha casaca, e tambem  
 De luvas mimoso par,  
 Que a Narcisa vou fallar,  
 E Narcisa é o meu bem.

N'este venturoso dia  
 De prazer eu dou pinotes,  
 E glosára trinta motes...  
 A tanto chega a mania ! ..  
 De portentosa harmonia  
 Vou compor hymno cadente...  
 Mas meu bem não mette dente  
 Se não em letra d'imprensa,  
 E eu já, já, sem detença  
 Quero levar-lhe um presente.

Nada, nada de poesia,  
 Que será tempo perdido :

Vou-lhe levar um Cupido  
Comprado numa olaria...  
Não sabe mythologia,  
Mas conhece-o muito bem...  
Vou — e nada me detém,  
Vou cheio d'amor bizarro  
Dar-lhe um Cupido de barro  
A's escondidas da mãe.

**MOTE**

Este mundo é todo engano,  
 E' todo contradição ;  
 Os pretos pintam de branco  
 Os brancos vendem carvão.

**Gicsa**

Qu'rer encontrar a verdade  
 E' loucura n'este mundo ;  
 Digo assim porque me fundo  
 No que vejo em quantidade ;  
 Vejo em tudo falsidade,  
 Seja divino ou profano ;  
 E colhi por desengano  
 Que a verdade, se ella existe,  
 Só n'este dito consiste ;  
 Este mundo, é, toda engano.

Um tem por nome *Valente*,  
 Vou a ver, é um medroso,  
 Que tem medo até d'um gozo  
 Quando ladra e mostra o dente ;  
 Outro, figura indecente,  
 De *Gentil* nome lhe dão :  
 Até já vi um anão  
 Que se chamava *Pinheiro* !  
 Oh ! que este mundo bregeiro  
 E' todo contradicção.

Se vejo um chamar-se *Bello*,  
 Espero belleza rara,  
 Mas, olhando-lhe p'r'a cara,  
 Acho-o feio e amarello ;  
 Outro chama-se *Camello*,  
 E de saber não é manco ;  
 Um diz que se chama *Franco*,  
 Sendo usurario, aldrabão ;  
 Té por mór contradicção  
 Os pretos pintam de branco !

Como hei-de eu ser verdadeiro  
 Se em mentir só vejo apuro !

Se até oiço chamar puro  
Ao vinho do taverneiro !  
Vou-me fazer embusteiro,  
Pois é um grande aldrabão  
Quem render adoração  
A' verdade n'este mundo,  
Onde, por erro profundo,  
Os brancos vendem carvão.

**MOTE**

Este mundo está mudado,  
 Virou de pernas p'r'o ar;  
 Quem o viu, e quem o vê  
 Tem que rir, ou que chorar.

**Glosa**

Nasce a aurora; o céu é rôxo;  
 E, saindo da buraca,  
 Vae cantando alegre môcho,  
 Detestando a sombra opaca;  
 O passarinho encavaca,  
 E, de biquinho calado,  
 Esconde-se envergonhado  
 A chorar mil afflícções,  
 E diz com os seus botões:  
 Este mundo está mudado!

O pastor, deixando o campo,  
 Conduz o gado a dormir,  
 E vae vendendo o pyrilampo  
 Por entre a luz a luzir ! . .  
 Começa o burro a carpir,  
 Sem se poder consolar ;  
 Vê-se o boi, triste, a scismar  
 Em seu tormento profundo ! . .  
 E eu dizendo que este mundo  
 Virou de pernas p'r'o ar !

O mono já não se atterra,  
 Salta ao mar p'ra tomar banho,  
 E peixes de bom tamanho  
 Vem tomar o sol em terra ! . . .  
 O rato ao gato faz guerra,  
 E vence — não sei porque ! . .  
 O frango se põe em pé  
 Para aggredir a raposa,  
 Que lhe diz toda medrosa :  
 Quem o viu, e quem o vê.

Os rapazes dão conselhos,  
 Vão rezando cem rosarios ;

Feitos janotas, os velhos  
Namoram por modos varios ! . .  
As velhas nos diccionarios  
Vão termos d'amor buscar ! . .  
As meninas a fiar  
Não têm nas almas imperio ! . .  
Quem julgar que eu falso sério  
Tem que rir, ou que chorar.

**Piegñices**

Não trates, donzella, com tanto desprezo  
Quem, vendo teus olhos, se abrasa d'amor,  
Quem, vendo que és gorda—por isso de peso—  
Até desejára trazer-te em andor.

Amor como eu sinto, n'um grau tão subido,  
Meu terno bemsinho, não vés por ahi ;  
A' casa, de certo, vou ter do Polido  
Se tu me não dizes :—eu morro por ti.

Sou vate da moda, componho versinhos  
 Mui ternos e doces, se tenho vagar,  
 E posso, cantando teus lindos olhinhos,  
 Chamar-lhes *estrellas d'amor a brilhar.*

Teus pretos cabellos, a testa espaçosa,  
 Teus dentes, teus labios, orelhas, nariz,  
 Eu posso, donzella, cantar em mimosa  
 Canção, que não seja de vate aprendiz.

Sou grande poeta! . . Se não me acreditas  
 Te peço um momento de séria attenção;  
 E uns versos componho de coisas bonitas,  
 Como esses, que em moda p'ra muitos estão.

Amo o ver nas *salsas ondas*  
 Navegar *barco gentil*;  
 Amo as *pedrinhas redondas*,  
 Que ha na praia ás *mil e mil*;  
 Amo *auroras matutinas*,  
 Amo as *rosas purpurinas*,  
 Amo o *esmalte das campinas*,  
*Estrellas e céus d'anil!*

Amo os ternos passarinhos,  
 Que soltam voz *divinal*,  
 Poisando sobre os raminhos,  
 Voando no salgueiral!..

Amo o pintasilgo, o ganso,  
 O canario e o picanço,  
 Pato bravo e pato manso,  
 Coxixo, melro e pardal!

Gosto do cérpír das damas  
 N'uma noite de luar,  
 D'ouvir ao collo das amas  
 As creanças a chórar;  
 Gosto, sentado na loisa,  
 Onde uma bella repoisa,  
 De scismar em muita coisa,  
 Até dormir, resonar.

Amo ouvir cantar o grilo,  
 E a cigarra no verão,  
 Finalmente, tudo aquille,  
 Que commove o coração.  
 Sou dos ternos trevadores,  
 Meus versos são lambedores,

Que accendem doces amores,  
Chammas de viva paixão !

Já vês, ó minha bella, que é poeta  
Quem versinhos assim sabe arranjar ..  
Se alguém disser que sou grande pateta,  
Não lhe dês attenção — deixa-o fallar.

Embora todo o mundo tagarella  
Alcunhe os versos meus de baixos, vis ;  
Se tu gostares d'elles, minha bella,  
Que mais preciso eu p'ra ser feliz ?

Pura estrella d'amor, meus passos guia,  
Vem ser inspiração d'este cantor ! ..  
Com teus divinos olhos allumia  
Uma lyra, que está ao teu dispõr !

Se o teu suave amor me prometteres,  
Em sublimes canções hei-de bradar  
Que tu és a rainha das mulheres,  
E muita coisa mais que me lembrar.

Direi que és mais formosa que uma Venus,  
Que excedes as deidades mais gentis,  
Que vales para mim—nem mais nem menos—  
Uma abundante mina de rubis !

Ah ! não sejas, donzella, tão ingrata,  
Tem dó d'este sensivel coração ! ..  
O meu duro soffrer muda em frescata,  
Torna este choramigas — folgasão.

**Amer e nigromancia**

Era a noite medonha, escura e feia,  
Não brilhava no céu estrella e meia ;  
Piava ao longe solitario mocho,  
E em seu ninho escondido o pintarrôxo  
Não soltava um só pio ! Andavam juntos,  
Miando sobre as campas dos desfuntos,  
Mil negros gatarrões... de medo frios,  
Ladravam para a lua os cães vadíos...  
O vento não bolia uma só folha,  
Nem fazia mover n'agua uma rolha !

Ao longe, muito ao longe, se escutavam  
 Mysteriosos echos, que imitavam,  
 Uns o rinchar de vagabundos machos,  
 Outros surdas pancadas sobre tachos !  
 Era a noite medonha — o que se prova  
 Na pintura, que fiz, e dou por nova.

E eu, vendo que a cruel D. Babbina  
 Se mostrava a meus ais sempre ferina,  
 Fui consultar um sabio nigromante,  
 Que usava tres caveiras no turbante,  
 P'ra saber porque meio eu poderia  
 Domar aquella fera tão bravia.

Era a gruta do magico n'um ermo,  
 Onde não encontrei virinho do termo  
 P'ra me reanimar... porque eu tremia  
 Como dentro d'um banho d'agua fria...  
 Sentia o pello todo erguer-se a prumo,  
 E as pernas, a vergar, não davam rumo...  
 Porém, abrindo a caixa do tabaco,  
 Com valente pitada ánimo o caco,  
 Avanço para a gruta ; e em tom diverso  
 Ao grão magico assim falei em verso,

Pois a gente tão sabia, tão famosa,  
E' costume jámais falar em prosa.

O' tu que do reino escuro  
Tens a sciencia d'assombrar,  
E no livro do futuro  
Sabes ler sem soletrar,  
A receita hoje me ensina  
Com que eu possa da ferina,  
Formosissima Balbina  
O coração captivar !

Por quem és, vale-me, ó magico,  
Que eu não sei viver assim ! ..  
Não queiras que seja tragicó  
I, esta minha vida o fim ! ..  
Se, para que me consoles,  
Nos teus feitiços não boles,  
You parar a Kilhafolles...  
Ai ! coitadinho de mim !

Se fizeres que Balbina

Por mim se abrase em paixão,  
 Hei-de dar-te uma terrina  
 Com sopa de camarão...  
 Ou, se acaso tens meninos  
 Travessos e pequeninos,  
 Uma torre com dois sinos  
 Te darei de papelão.

O magico escutou-me cabisbaixo,  
 E do meu requ'rimento por despacho,  
 Meneando a cabeça toda branca  
 E voltando p'ra mim feia carranca,  
 Estas vozes soltou, que ouvi calado,  
 E de frio terror petrificado.

«Triste amante, essa dôr, que te mata,  
 «Vae de certo findar d'esta vez :  
 «Has-de ver a teus pés essa ingrata  
 «Supplicar-te perdão em francez.

«Has-de vê-la, convulsa, entre prantos,  
 «A jurar-te fervente paixão...»

«Ensaiando cantigas e cantos  
 «P'ra mover esse teu coração.

«Has-de vê-la com ternos furores,  
 «De prazer dando pulos até;  
 «E, por ver se te accende em amores,  
 «Ir fungando porção de rapé.

«Has-de vê-la (se têns boa vista)  
 «O seu erro passado a chorar;  
 «E lidando por ver se conquista  
 «Quem seu peito tentou conquistar.

«Aqui tens negras, mágicas hervas,  
 «Que no averno fui hontem cothêr...  
 «Junta-lhe estas amargas conservas,  
 «E põe tudo n'um crâneo a ferver.

«Por seis horas conserva nas brasas  
 «Este negro guisado infernal;

«E depois lhe mistura tres azas  
 «De morcego... ou de velho pardal.

«Co'este bello petisco tu podes  
 «Amansar essa ingrata mulher,  
 «Besuntando-lhe bem os bigodes,  
 «Se bigodes a fera tiver.

Assim fallou o magico potente,  
 E eu, dando mil pinotes de contente,  
 As hervas aceitei. Fiz o guisado ;  
 E, encontrando uma vez o bem amado  
 Dormindo á sombra de copado freixo,  
 Lhe untei bem os bigodes, mais o queixo  
 Com a tal burundanga... Oh ! caso raro !  
 Não ha melhor remedio... e menos caro !  
 Ella acorda assustada, e mal me encara  
 Dá-me tão forte abraço, que amolgára  
 As costellas do meu peito robusto.  
 Se me não livrò d'elle a todo o custo !  
 Jurou-me alli paixão... jurou sem medo  
 Ter constancia maior do que um penedo ;  
 Jurou curva a meus pés, dando soluços,  
 Adorar estes meus cabellos ruços ;

E, finalmente, fez quanto affirmára  
O magico bom d'alma, e mau de cara.

Donzellás formosas, se tendes jactancia  
Em serdes ingratas, em serdes crueis,  
Sabei que aos poderes, que tem nigromancia,  
Os peitos mais fortes não valem dez réis !

Quem tem, como eu tenho, receita famosa  
Não teme das bellas o fero rigor ;  
Um dia em que eu quicira —da mais desdenhosa  
Oíço estas palavras : tu és meu amor !

Feliz sou devéras ! Com este segredo  
Desprézo das bellas cruentos desdens !  
E a todas eu digo, clamando sem medo :  
—Não tróco a receita por quatro vintens !

## DORES E AMORES

**No album d'uma senhora**

---

Passo dias infelizes,  
Sem poder nunca estancar,  
Nos olhos, dois chafarizes,  
Mas d'agua quente, a escaldar.

F. X. DE NOVAES—Desesperação.

---

Donzella formosa, por ver que me obriga,  
Pedindo-me versos com taes attenções,  
Lá vae esta minha singella *cantiga*,  
Já que eu metter dente não posso em canções.

Se achar que meus versos não são, como pensa,  
Mui ternos, mui doces, quaes favos de mel,  
Bem pôde queimal-os—que eu dou-lhe licença,  
Nem hei-de por isso chamar-lhe cruel.

Não tento rendel-a—que a lyra me guincha  
 Na pobre cantiga, sem chiste nenhum;  
 Mas só ver se alcanço, por grande pechincha,  
 De seus mil agrados, ao menos, só um.

Com essa ventura será satisfeito  
 Um triste poeta de pouco valor,  
 Que aqui se confessa ser falso de geito,  
 Compondo versinhos, que cheirem a amor.

Tu me pedes, minha bella  
 Sons ternissimos d'amor,  
 E eu, sem ter a guela  
 D'italiano cantor,  
 Ao som de triste viola  
 Vou soltar a *cantarola*  
 Da mais negra, amarga dôr.

Vivo em ancias... vivo mesmo  
 Na chamma, que me abraseu...  
 Que em resequido torresmo  
 Meu coração transformeu!...  
 A negra, a feia desgraça,

**Como teimosa carraça  
Em minh'alma se ferrou !**

Do sol os brilhantes raios  
Já não vejo ha mais d'um mez,  
Nem a lua em seus desmaios,  
Que eu já vi por tanta vez ! ..  
Não vejo no prado flores,  
No jardim não vejo amores ! ..  
Será peneira ? — Talvez.

Não vejo as aves mimosas,  
Que entre os ramos se entretecem,  
Nem ligeiras mariposas  
Beijando o lyrio, a cecem ! ..  
Não oiço a voz da cigarra,  
Nem tocando na guitarra  
Quem das hortas gueço vem !

Soffro muito. . . soffro immenso,  
Não faço senão chorar ;  
Trago na mão sempre o lenço  
Para meu pranto enxugar ! ..  
Mas as lagrimas, ligeiras,  
Escorrem como gotteiras,

## E não as posso estancar !

Ninguem sente as minhas maguas,  
 Quando soffro, e chôro assim ;  
 E, ao verem do pranto as aguas,  
 Fazem escarneo de mim ! ..  
 Um me faz uma careta,  
 Outro chama-me pateta,  
 Diz que tenho a bola ruim !

Sólto suspiros mais fortes  
 Que os rugidos d'um leão,  
 E da dôr entre os transportes,  
 Cáio de bruços no chão ! ..  
 E, para maior desgraça,  
 Um homem de bem não passa,  
 Que me estenda a sua mão !

Se me deito com desejo  
 De meus males socegar,  
 Lá começa um realejo,  
 Desafinado, a tocar ! ..  
 E o que move a manivela,  
 Sem lhe dar uma cravela,  
 Não me deixa descansar !

Só sonho com feiticeiras,  
 Bruxos, bruxas de tremer,  
 Que me arrastam as cadeiras,  
 Infernal bulha a fazer!..  
 E não ha coisa, que valha  
 Para espantar a canalha,  
 Que o sonno me faz perder!

Entre as garras da agonia  
 Passei tormentos d'horror,  
 Sem saber d'onc partia  
 A causa da minha dôr...  
 Scismei por noites inteiras;  
 E vi que estas brincadeiras  
 Eram effeitos d'amor!

E dizem por hi as gentes  
 Que o amor causa prazer,  
 Quando dôres tão pungentes  
 Elle me faz padecer!..  
 Vendo em mim tão triste espelho,  
 Não sei como haja um fedelho,  
 Que seu servo queira ser!

Tu és a causa, Cupido,

D'esta minha dôr voraz,  
 Que me faz andar perdido,  
 Qual sóra d'água um goraz ! . .  
 Tens settas envenenadas,  
 Mereces palmatoadas,  
 Endiabrado rapaz !

Cantei como pude, formosa menina ;  
 Se viu nos meus versos doidices sem fim ,  
 Bem pôde queimal-os, que não me amofina  
 — Fornalha com elles — eu cá sou assim.

Mas se eu n'esta lyra d'amores singidos,  
 Cantando tristezas, o riso lhe dei,  
 De certo meus versos não foram perdidos ;  
 Não quero mais glorias, e digo — ganhei.

**No album do meu amigo José Rodrigues**

Ha coisas por este mundo,  
Que dão vontade de rir ;  
Um Tolentino segundo  
Tinha muito em que bolir !  
Sou poeta — só por teima —  
E esta constante toleima  
Não perco, por mais que faça ;  
Mas devo ser desculpado  
Por dar credito ao ditado :  
*Quem porfa mata caça.*

Se alta musa me sorrisse  
 Não chorára amores — não,  
 Porque para a pieguice  
 E' preciso vocação ;  
 Nem cantára das donzellas  
 As rosadas faces bellas,  
 O cabello preto, ou loiró ;  
 Porque muita dama agrada  
 Por milagres da pomada :  
*Nem tudo o que luz é oiro.*

Não cantára lá do prado  
 Meigas rosas purpurinas,  
 Que é assumpto já cansado,  
 E' só proprio de meninas :  
 Cheira bem a rosa bella  
 Mas uma isca ðe vitella  
 Cheira, agrada muito mais ! ..  
 Digam que sou de mau gosto,  
 Que a teimor não 'stou disposto :  
*Os gostos não são eguaes.*

Qu'ria ser poeta ; — e quando  
 Visse elegante janota

Uma dama namorando,  
 Que só d'elle faz chacota ;  
 Fazer versos d'impreviso,  
 Pôr-me em frente do *Narciso*,  
 Cantal-os, batendo o pé,  
 E dizer-lhe, de caminho :  
 O que fazes, meu tolinho,  
*E remar contra a maré.*

Quando visse uma donzella  
 A dar attenção a dois,  
 Namorando da janella,  
 Um primeiro, outro depois ;  
 Engendrára um epigramma,  
 E sôra off' recebê-lo a dama  
 N'estas phrases tão bizarras :  
 — Não dás á costa, concordo,  
 Tens dois pilotos a bordo,  
*'Stás presa a duas amarras.*

Se achasse velhas patetas  
 A quem o baile recreia,  
 Em quanto ficam as netas  
 Em casa fazendo meia . . .

**Isso então só a chicote,  
Que toleima d'este lote  
Em versos não se reprova :  
Velha, que assim desatina,  
Quer figurar de menina,  
*Andando co'os pés p'r'a cova.***

**Quando visse um grande gebo  
De cabecinha no ar,  
Com chinó cheio de sebo  
As bellas a namorar ;  
Teria por meu regalo  
Noite e dia apoquental-o,  
Fazer-lhe perder esp'ranças  
D'inda um dia ser feliz,  
Pôr-lhe nas costas com giz :  
*Duas vezes somos creanças.***

**Quando visse criadinha  
Repimpada na janella,  
Conversando co'a vizinha  
Sem lhe lembrar a panella ;  
Fôra em verso descompol-a,  
Pôr-lhe nos olhos cebola ;**

**E, rindo ao vel-a chorar,  
Dizer-lhe : — cachopa, olé !  
Marche lá p'r'a chaminé :  
*Cada qual no seu logar.***

**Se visse, d'airoso fato,  
Uma dama d'altos brilhos  
Fazendo festas ao gato,  
Em quanto choram os filhos ;  
Quizera bem castigal-a,  
E ver o gato arranhal-a  
No nariz, té fazer chaga,  
E dizer-lhe em tom magano :  
Faça festas ao bichano :  
*Amor com amor se paga.***

**Se visse um pobre pachola,  
Que amargos dias passou,  
E deu ás almas esmola  
Quando a mulher expirou ;  
Buscando nova cadeia  
Porque em risonha sereia  
Encontrou magico engodo,  
Moera-o sem compaixão,**

E ensinára-lhe o risão:  
*Boi solto lambe-se todo.*

Quando achasse uma *Excellencia*,  
 Filho do sol e da lua,  
 Que, por bazofia, ou demencia,  
 Deita o seu dinheiro á rua;  
 E, por fim, vendo-se pobre,  
 Abate a prôa de nobre  
 Na presença do agiota...  
 Versos a este não faria,  
 Mas sómente lhe diria:  
*Gota a gota o mar se esgota.*

Se visse um nobre casado  
 Com um anjo tentador.  
 Viver sempre apoquentado  
 Ao lado do seu primor;  
 E, feito triste maricas,  
 Supportar-lhe muitas nicas  
 Em trôco d'alguns carinhos;  
 Diria á tal *Excellencia*:  
 Amigo, tenha paciencia,  
*Não ha rosas sem espinhos.*

Quando encontrasse alguns vates  
Compondo semsaborias,  
E, rimando disparates,  
A suar por coisas frias ;  
Com esses não me zangava,  
E não só lhes perdoava,  
Fôra delles amiguinho,  
—Té os levára ao Izidro :  
*Quem tem telhados de vidro*  
*Não atira aos do vizinho.*

**A sorte de Hespanha**

Sonhei ter entrado nas sortes d'Hespanha ;  
Sonhei que batiam na porta — *traz, traz* ;  
Sonhei que acordára com bulha tamanha,  
Que á porta ir correndo, com susto, me faz.

«Quem é o patife... quem é o maroto,  
«Que as horas do sonno me vem perturbar ?  
«—Sou eu,» me responde de fóra um garote,  
«Que alviçaras venho, correndo, buscar.»

Eis que eu abro a porta, contente e ligeiro,  
 A voz conhecendo do tal galopim ;  
 O qual me entra em casa gritando : «dinheiro,  
 «Satu-lhe a taluda ! . . . e deve-a a mim.

«Ha já quem rebata sem terinda a lista . . .  
 «—Pois vamos a isso,» lhe digo — e saí ;  
 E fomos a casa d'um gordo cambista,  
 Aonde o bilhete feliz rebati.

Depois dei de peças um grande punhado  
 A quem a notícia me deu d'encantar ;  
 E vim para casa mui bem carregado  
 Com carga, que agrada, não custa a levar.

Que grande prazer ! Que espantosa alegria !  
 Não sei se outra igual n'este mundo terei ! . . .  
 Sómente por artes de vil bruxaria  
 Com taes sobresaltos eu não acordei

Eis-me scismando em projectos  
 De bons palacios comprar,

E os sobrados mais os tectos  
 Mandar a todos doirar..  
 Dizia : — quero uma quinta,  
 E entre a nobreza *destincta*  
 Figurar de figurão.. .  
 Quero ostentar bizarria,  
 Preciso uma baronia,  
 Que morro por ser barão !

Ser barão ! . . . ter excellencia !  
 E' mais que o manná do céu ! ..  
 Ver todos com reverencia  
 A tirarem-lhe o chapéu ! ..  
 Ver ignorantes e sabios  
 Com respeito abrindo os labios  
 Quando lhe querem fallar ! ..  
 Que tit'lo tão bello e *raro*,  
 E, custe barato ou caro,  
 Heide-o por força comprar.

Tambem serei deputado,  
 E bom progressista — olé !  
 Porque homem endinheirado  
 Póde ser ministro até.

Embora a todo o momento  
 Contra meu fraco talento  
 Berre a imprensa a mais e mais,  
 Que hoje em dia, de ordinario,  
 Sempre se entende o contrario  
 Do que se escreve em jornaes.

Da fidalguia a molestia  
 Já sinto — e agora verão  
 Como é que um *José da Vestia*  
 Se transforma n'um barão.  
 Amigos e conhecidos,  
 Não se espantem se esquecidos  
 Eu — *por ser nobre* — os fizer;  
 Desculpem-me o ser basbaque,  
 Porque a toleima é ataque  
 Egual a outro qualquer.

Entrarei em companhias,  
 Bom dinheiro ganharei,  
 Mil graúdas senhorias  
 A meus pés as curvarei;  
 E, p'lo progresso a dar berro,  
 Farei caminhos de ferro

Com a mesma promptidão  
 Com que os promettem cartazes,  
 Ou como fazem rapazes  
 Lindas bolhas de sabão.

Co'a minha sorte d'Hespanha,  
 Vou dar muito que fallar,  
 Pois tendo dinheiro, e manha  
 Quem não hade figurar !  
 — Assim sonhava, gostoso ;  
 Mas persovejo, invejoso,  
 Da ventura apaga o sol...  
 Acórdo d'idéas tontas,  
 E acho só, por fim de contas,  
 O travesseiro e lençol.

Agora já vejo não conta patranha  
 Quem diz que o dinheiro, por mais d'uma vez,  
 Transtorna as idéas, que a sorte d'Hespanha,  
 Té mesmo sonhada, maluco me fez.

**Quero e não quero casar**

Tenho no peito um desejo  
— O desejo de casar —  
E quando n'elle me vejo  
A's vezes a meditar,  
Dou taes voltas ao miolo,  
Que, temendo ficar tolo,  
E mais do que tolo até,  
Abro a caixa do tabaco,  
E, p'ra ver se ánimo o caco,  
Encho as ventas de rapé.

— Quero casar — porque entendo  
 Que o ter uma companheira,  
 Já se vê, formosa sendo,  
 Nunca foi nenhuma asneira.

— Não quero — nem a mais bella,  
 Se me lembro que pôde ella  
 Ser teimosa, ser dragão ;  
 E andaremos (seia esgrima)  
 Qual debaixo qual de cima  
 A jogar o cachação.

— Quero casar — porque a vida  
 A mulher sabe encantar,  
 Se sincera, e não fingida,  
 Em amor nos vem fallar.

— Não quero — que o seu carinho  
 Se é leal não adivinho,  
 Pois não tenho esse condão ;  
 E não sei de que maneira  
 Da mulher que é verdadeira  
 Se conheça o coração.

— Quero casar — porque um anjo,  
 Que d'amor conserva a fé,

Sempre faz bastante arranjo  
 A quem seu marido é:  
 Varre a casa, escova o fato,  
 A' bocca lhe chega o prato  
 Quando o homem tem fastio;  
 Porém, se tenho lembranças  
 De que hei-de embalar creanças,  
 Ai, que susto!... eu me arrepio!

— Quero casar — sem demora,  
 Vendo um marido a deitar  
 Os bofes p'la bocca sóra,  
 A mulher a elogiar.  
 — Não quero — se vejo aos centos  
 Maridos, que os casamentos  
 Maldizem cheios de dôr,  
 Rogando mil e mil pragas  
 A's, que no peito abrem chagas,  
 Bicudas settas d'amor.

— Quero casar — quando pura  
 Vejo donzella sem par,  
 Que em meiguice e formosura  
 Nada deixa a desejar:



Seu rosto muito me agrada,  
 Sua voz, qual voz de fada,  
 Enleva-me o coração...  
 Porém posso ter certeza  
 De sempre sentir accesa  
 Dentro d'alma esta paixão ? !

Se em casar scismo um pedaço  
 Sinto os miolos a arder,  
 Vejo-me em tanto embaraço  
 Que não sei que hei-de fazer :  
 D'um lado vejo venturas,  
 Gozos, delicias doçuras,  
 Das taes chamadas d'amor :  
 Este quadro é engracado,  
 Mas, virando-o do outro lado,  
 Mette medo... causa horror !

Casados eu tenho visto  
 Rirem uns, outros chorar ;  
 A' vista de tudo isto  
 Que farei ? Devo casar ?  
 — Não — por' ora é acertado  
 Conservar-me n'este estado,

**Que mau de todo não é:  
Fique o negocio em atraso;  
Scismando melhor no caso,  
Irei tomando rapé.**

**Um passeio ás hortas**

Uma tarde saí na fraca sola,  
E p'ra dar um passeio fui ás hortas  
Ver esses amadores da pingola,  
Que animam com *bom* vinho as tripas mortas;  
E, despejando, a rir, muita quartola,  
Não atinam á noite com as portas ;  
E o spectac'lo dão a todo o povo,  
Que o *Taborda* nos dá no vinho novo.

A certa quinta eu chego ; e vejo escripto  
 No alto do portão gordo lettreiro,  
 Onde o dono da casa tinha dito  
 A mentira maior d'um taverneiro :  
 Dizia : « *vinho bom, e peixe frito,*  
 « *E tudo sem gastar muito dinheiro ;* »  
 Mas o peixe era bom só para gatos,  
 O vinho nauseante *mata-ratos.*

Entro em quinta espaçosa, onde se viam  
 A' sombra de parreiras bancas largas ;  
 Alli bons patuscões se divertiam  
 Esquecendo de dôr horas amargas ;  
 Se comiam mui bem, melhor bebiam,  
 E, soltando de riso mil descargas,  
 Mostravam que a alegria verdadeira  
 Morava alli debaixo da parreira.

Chiava na esquentada frigideira  
 O magro carapau, secca sardinha,  
 Que mascarrada e velha cozinheira  
 Frigia lá n'um canto da cozinha :  
 Este bello petisco ao longe cheira,  
 E consola os narizes da gentinha,

## 200

Que por ter appetite a toda a prova,  
Nada lhe sabe mal, nada reprova.

Em um prato na borda já quebrado,  
E queinda uma só vez não viu limpeza,  
Se via um alto monte levantado  
Do peixe, que frigiu *tia Thereza* ;  
E que esperava em breve ser levado  
D'alli, appetitoso, para a mesa,  
Junto com as salgadas azeitonas,  
Que sabem arranjar famosas *monas*.

Ao balcão se divisa, gordo e nedio,  
Vermelho taverneiro arregaçado,  
Que vae vendendo a todos o remedio,  
Que se bebe contente, e de bom grado ;  
Que dos mortaes afasta o negro tedio,  
Faz um homem feliz d'um desgraçado ;  
E, dando nas guelas larga rega,  
Transforma uma barriga n'uma adega.

Um requer um quartilho, outro canada,

Este pede do tinto, aquelle branco,  
 Um bebe mesmo em pé, porque lhe agrada,  
 Outro vae-se sentar além n'um banco ;  
 Est'outro deixa o copo sem ter nada,  
 Aquell'outro em pagar mostra-se franco,  
 E todos n'estes bacchicos trabalhos  
 Põem as tripas mui bem de vinha d'alhos.

Depois canta-se em côro alegre moda,  
 Ao som de cavaquinho acompanhada,  
 E aquella *santa* gente pula toda  
 Em dança muito bem cambaleada ;  
 De quando em quando o copo gyra em roda  
 P'ra tornar a funcçao mais animada :  
 Riem todos alli, fazem-se apostas,  
 Uns caem de barriga, outros de costas

Aonde é mais direito e liso o trilho  
 Se vêem de cachimbo, ou de cigarro,  
 Jogando como mestres o chinquillo,  
 Alentados pimpões, qual mais bizarro ;  
 Nas faces se lhes vê vermelho brilho,  
 Pois, tendo ao lado seu, bilha de barro,  
 De quando em quando bebem largos tragos

**Do licor que se extrahe dos roxos bagos.**

Este balsamo santo das tavernas  
 Em todos novo ardor cria e desperta,  
 Faz-lhes de dia ver muitas lanternas,  
 Dá-lhes vista melhor, e mão mais certa ;  
 Embora muita vez lhes verguem pernas,  
 Não afrouxam, não cansam n'esta festa ;  
 Ha tal, que, quando a bilha põe vazia,  
 Faz melhor ao paulito a pontaria.

Quentes, e de suor bem alagados,  
 Por causa de atirar pesada malha,  
 Não receiam o ver-se constipados,  
 Pois teem perto o remedio, que não falha ;  
 Não jogam a dinheiro ; os derrotados,  
 Os que ficam vencidos na batalha  
 Renhida, e fortemente disputada,  
 Mandam vir para o rancho uma canada.

Além, no chão sentados, mui contentes,  
 Vejo creanças, homens e mulheres,

Ferrando em carne assada avidos dentes,  
 Tendo, apenas, os dedos por talheres ;  
 Uma caneca e dois copos diff'rentes  
 Cheios d'esse licor, que dá prazeres,  
 Gyram de mão em mão, de bocca em bocca,  
 Até que todos elles tenham *touca*.

Mais ao longe outro grupo se divisa,  
 Onde dois valentões, rapazes guapos,  
 Ambos elles em mangas de camisa,  
 Esmurram os narizes com sopapos :  
 Um arranha do outro a cara lisa,  
 E as calças de cotim lhe faz em trapos ;  
 Mas este puxa logo de navalha,  
 E prepara-se a dar cruel batalha.

Eis se levanta um velho, a quem os gazes  
 Do vinho transtornaram a caveira ;  
 P'ra fazer entre os dois depressa as pazes  
 Se expressa, em alta voz, d'esta maneira :  
 « Schiu, schiu ! pouco barulho... olé ! rapazes !  
 « Olhem que é muito feia brincadeira  
 « Por causa d'um namoro haver quisilias,  
 « Que pódem dar desgostos ás familias. »

Erguendo ao ar, então, uma caneca  
 De loiça — se não fina, nacional —  
 Ergue também a voz, e os bofes secca,  
 Prégando um sermão grande de moral :  
 « Desordens p'ra que são ?... Leve-as à breca !  
 « Haja harmonia em todo o *Portugal* !  
 « Rapazes... aqui teem... vá... uma pinga...  
 « Meu amigo não é quem mais resinga. »

O famoso discurso improvisado  
 Convence estes pimpões, que se aggrediam,  
 E, amigos outra vez, um do outro ao lado,  
 Pela mesma caneca os dois bebiam ;  
 Com palavras sinceras, e de agrado,  
 Da lucta muito bem se arrependiam ;  
 E, jurando amizade até á morte,  
 Arranjavam piella muito forte.

Mas eis que se aproxima a noite escufá,  
 E toda aquella gente, satisfeita,  
 O caminho de casa, então, procura,  
 Cantando pela rua, que acha estreita :  
 Um encosta-se ao muro, e se segura,  
 Outro tropeça aqui, alli se deita ;

E, chegados a casa, bem se julga  
Que dormem sem sentir nem uma pulga.

Não sei se esta pintura está completa,  
Ou se o quadro precisa alguns retoques ;  
Que o diga quem tambem se faz poeta  
Fazendo abrir ás pipas os batoques ;  
Que o diga ; e se quizer, tome a *palheta*,  
Dê-lhe com seu pincel ultimos toques,  
Que este quadro que fiz, não d'encommenda,  
Se m'o derem por bom, vou pol-o á venda.

**Uma pura verdade**

Hoje em dia o homem rudo  
Afecta grande saber,  
A fallar sempre de tudo  
Sem de nada perceber :  
Quem quizer fazer figura  
Não se canse na leitura,  
Não precisa d'estudar ;  
Tenha só atrevimento,  
E, p'ra ter descaramento,  
A cara mande estranhar.

Na bocca não tenha rolha  
 P'ra de tudo dizer mal,  
 E censure, sem escolha,  
 O que pouco ou muito val;  
 Roube d'outro os pensamentos,  
 Apregoe os seus talentos  
 Pelas praças e cafés,  
 Diga ao mundo: eu teuho fama,  
 Tenho escripto muito drama,  
 Muito chistoso entremez.

Peça aos amigos matutos  
 Que lhe façam elogio,  
 A trôco de tres charutos  
 Com podridão, e bafio;  
 E se elles são litteratos,  
 E soffrem os mesmos flatos  
 De querer por força brilhar,  
 Então faça-se o ajuste  
 De qualquer, sem que lhe custe,  
 O outro sempre louvar.

E, descoberto o engano,  
 Conhecida a estupidez,

Vá sempre marchando ufano,  
 Não se arrependa uma vez ;  
 E diga : — roubei, é certo,  
 Mas o litterato esperto  
 Sabe roubar — e faz bem ;  
 Se tive lôas compradas,  
 Essas contas 'stão saldadas,  
 Não devo nada a ninguem.

Um certo ar d'importancia  
 Tambem muito lhe convém,  
 Ter nos gestos elegancia,  
 Olhar todos com desdem ;  
 Falar em tom empolado,  
 Imitar um deputado,  
 Escrever para os jornaes :  
 Siga qualquer este rumo,  
 Que, embora isto seja sumo,  
 E' sumo que céga os mais.

**que farei?**

**Anda cá, minha musa, não me fujas,  
 Não te escondas da luz como as corujas,  
 Vem inspirar-me um canto papa-fina,  
 Que se possa chamar canção divina;  
 Recompensa o amor, que em ti emprego,  
 De mim fazes um Camões — mas sem ser cego.**

**Mas o que cantarei? As mil proezas  
 Do traquinhas Cupido? as espertezas,**

**Que elle usa quando n'alma accende as tochas,  
E espeta em corações duras garrochas?**

— Não — porque me diria um atrevido  
**Que um capinha eu cantára, e não Cupido.**

**Pintarei este heroe, e Venus bella  
A darem fortemente á taramella  
Acérca da maneira mais segura  
D'amolar os farpões? — Fôra loucura,  
E pôde ser que alguem que o quadro visse  
Chamasse ao meu assumpto pieguice**

**O retrato farei do Cupidinho,  
Menino folgazão, bochechudinho,  
Que nas suas fadigas se não poupa,  
Disparando uma setta á queima-roupa  
N'um triste coração, que logo, logo  
Que a ponta lhe tocou accendeu fogo?  
— Não — que diria alguem: é grande asneira  
Fazer um coração de pedreneira!**

**Descrevorei aqui dura batalha,  
O zunir pavoroso da metralha,  
O toque de trombetas e tambores,  
Que faz com que o soldado a seus senhores**

Obedeça, avançando para a brecha,  
 Que de si 'stá lançando dura ameixa ?  
 Pintarei batalhões mui aguerridos,  
 Que, pelejando fortes e atrevidos,  
 Vão ganhando tropheus, loiros chibantes,  
 Por matar, como heroes, seus semilhantes ?  
 — Não — tambem taes pinturas eu não busco,  
 Pois cheiram a murrão, mais a chamusco.

Pintarei a singella pastorinho,  
 Que vae encher o cantaro á fontinha,  
 E fallar ao amante ? As mil finezas  
 Que dizem um ao outro ; essas firmezas,  
 Que juram, sem receio, até á morte ?  
 — Tambem não farci versos d'esta sorte  
 Porque estão esgotados taes assumptos  
 Por mil poetas vivos, e desfuntos.

Pintarei as florinhas de mil côres,  
 Que esmaltam com seu brilho e seus primores  
 O lindo, ameno prado ? Esse perfume,  
 Que accende o trovador no ethéreo lume,  
 E lhe desperta amor? — Não — que as florinhas,  
 Que, na verdade, são lindas coisinhas,  
 Pertencem ás meninas ; e são ellas  
 As que devem pintar coisas tão bellas.

\*

Pintarei a sagueira e linda aurora  
 Doirando o cume da montanha, e fóra  
 Já de seu ninho as aves melindrosas,  
 Soltando mil canções mais sónorosas,  
 Que as de exímia cantora italiana ?  
 — Fóra bella a pintura, e causa gana ;  
 Porem jámais será cantor d'auroras  
 Quem, como eu, se levanta ás nove horas,

Erguerei á amizade um puro canto  
 Cheio do mais sublime, e doce encanto :  
 Pintarei um amigo dedicado,  
 Que é capaz de off'recer a vida, ousado,  
 Para a outro salvar? — Não — que é provavel  
 Que me dissesse alguem : assumpto ámavel,  
 Que, na verdade, honrando a creatura,  
 Não passa muito avante da pintura.

Um baile pintarei, onde as meninas  
 Dançam com seus amaveis pernás-finas  
 Lindas mazurkas, polkas e outras danças,  
 Que lhes trazém d'amor ternas lembranças ?  
 — Tambem com taes pinturas não engrago,  
 Que para danças ver não dou um passo ;  
 E entendo que não tem o melhor gesto  
 Quem, por muito pular, se vê exposto

A apanhar dôr de peito, a constipar-se,  
E d'esta p'ra melhor, breve, mudar-se.

Soltarei a chorar, canto funereo,  
Mais triste que o mais triste cemiterio?  
Fallarei em cyprestes, aves varias  
Piando sobre as campas solitarias,  
Infundindo terror? — Deus me defenda  
De ser eu um poeta com a prenda  
De causar ás meninas grande espanto,  
Tornando-as amarellas com meu canto.

Pintarei a medonha tempestade  
Toldando o ceu de seia escuridade;  
Um vento a sibilar, que tudo abana,  
Grossa chuva a caír com furia insana,  
Relampagos medonhos fuzilando,  
Trovões com seu estrondo amedrontando  
Os miseros mortaes? — Não — tal não quero,  
Pois com esta pintura só espero  
Assustar por ahi alguns simplorios,  
E fazer abrir muitos oratorios.

Então o que farei? se nada vejo  
Que possa contentar o meu desejo? . . .

Ah ! já sei — bem lembrado — nada agrada?  
— Pespego-me a dormir, não faço nada.  
E tu, ó musa minha, tem paciencia  
Sê hoje te encommodei ; com tua ausencia  
Um mui grande favor aqui me fazes :  
Musa não faças caso : — são rapazes.

**Será verdade?**

Dizem que o mundo anda errado,  
Que abriga em si mil traições ;  
Que por um homem honrado  
Ha milhares de ladrões ;  
Que é luxo ser falsa a b'lleza,  
E que se poz na pireza  
A divina e sã moral ;  
Que o vicio subiu ao throno,  
E que a virtude de somno  
Soffre um ataque formal.

Dizem que a rapaziada  
 Vae seguindo um trilho mau,  
 E que da honra na estrada  
 Não quer entrar nem a pau ;  
 Que já não ouve conselhos  
 De prudentes sabios velhos,  
 Que lh'os davam p'ra bons fins ;  
 E, saída dos eueiros,  
 Vae jogar os seus dinheiros,  
 E troçar nos botequins.

Dizem que agora os velhotes  
 Tambem querem namorar,  
 E com seus ternos dichotes  
 As meninas captivar ;  
 Pois, deixando antigualhas,  
 Deitam à rua as cangalhas,  
 E compram p'r'as bellas ver,  
 Mui delgadinhas lunetas,  
 E vão fazendo caretas  
 Para n'um olho as suster.

Dizem que as velhas carochas  
 Namoram como ninguem,

E em frescatas e bambochas;  
 Gastam tudo quanto teem;  
 Querem luxo, querem modas,  
 Vestidos de largas rodas,  
 Sapatinhos de primor;  
 E teem tão oucas cabeças,  
 Que ás meninas pedem meças  
 No que toca a ter amor.

Das meninas... stamos fartos  
 D'ouvir sempre dizer mal;  
 Dizem cobras e lagartos  
 De seu peito desleal !  
 — Não sei se fallam verdade,  
 Ou se de grande maldade  
 Tamanha zanga provém;  
 Mas não quero saber d'isso,  
 P'ra ver se apanhô derriço  
 D'ellas sempre direi bem.

Tudo está sóra dos eixos !  
 Diz por hi muito senhor,  
 Que tem por baixo dos queixos  
 Sérias barbas de valor...

Porém ande tudo *gueço*,  
Que isso mesmo tem apreço,  
Se não p'r'os outros, p'ra mim;  
Ande o mundo em reboliço,  
Que não sou espantadiço,  
Gosto d'ele mesmo assim.

**Quem me dera ser poeta!**

---

**Quizera ser vate, ter lyra vibrante  
P'ra n'ella meus hymnos cadentes cantar ;  
Mas tenho *sanfona*, de som dissonante,  
Que as musas travessas não vem afinar.**

**Co'os doces encantos da meiga harmonia  
Não podem meus cantos mover corações ;  
E sei que, mil vezes, até se arrepia  
Quem ouve *essas coisas*, que eu chamo canções.**

A's lindas donzelas de rosto sagueiro  
 Meus versos sem chiste não causam prazer ;  
 Se ás vezes lh'os leio, d'amor o braseiro  
 Em seus ternos peitos não vou accender.

Imploro mil vezes o deus do Parnaso,  
 Pedindo-lhe ternas, sonoras canções ;  
 Mas elle — se me ouve — de mim não faz caso,  
 Embirra comigo... não sei as razões.

Que o Apollo não me inspira  
 Sabe quem meus versos lê ;  
 Porém eu deixar a lyra  
 Não posso — não sei porqué.  
 Quero ser poeta á ferça ;  
 E, dando pulo de conça,  
 Faço mil versos n'uma mez...  
 Porque será esta teima ?  
 Será, acaso, toleima ?  
 Será mania ? — Talvez.

Será porque d'alta gloria  
 Eu tenha grande ambição,

E queira deixar na historia  
 O meu nome ? — Acho que não.  
 Desejarei os thesouros  
 Dos *mimosos*, verdes louros,  
 Que os vates querem ganhar ?  
 — Nada — com tal não engrace  
 Porque escabeche não faço,  
 Nem taverna quero ornar.

— E' mania -- e muito forte,  
 Não tem nada que saber ;  
 E manias d'esta sorte  
 São difficeis de perder !  
 — E' meu fado aldrabar versos,  
 E com repiques diversos,  
 Uns em *ar*, outros em *ão*,  
 Muitas vezes repetidos,  
 Ser flagello dos ouvidos  
 De todo o fiel christão.

Ah ! que, se eu fosse poeta,  
 Nos tafues do grande tom,  
 Em me chegando a veneta  
 Daria sem tom nem som ! ..

As enfeitadas velhotas,  
 As casadas, que janotas  
 Inda se querem mostrar,  
 As bellas com cem namoros,  
 E mil outros desaforos  
 Havia de castigar.

Pensam lá que choraria  
 Tristezas, que o mundo tem,  
 Ou que d'uns olhos diria  
 Bellezas por hi além ? !  
 Qual historia ! — taes assumptos.  
 Não valem bem todos juntos  
 O trabalho, que nos dão :  
 Ter má lingua só quizera,  
 Porque, então, descompozera  
 A muito parlapatão.

E poria á mostra a calva  
 De certos grandes ratões,  
 Que para a patria *ser salva*  
 Trabalham em eleições ;  
 Compram votos por dinheiro,  
 E, fazendo alto berreiro

A louvar quem tem mil caras,  
 Ficam cheios como um ovo,  
 Enganando o triste povo,  
 Queinda engole estas araras.

Quem me dera ser poeta !  
 Toda a vida assim direi,  
 P'ra ferir d'aguda setta  
 Sujeitinhos que eu cá sei !  
 — São uns temíveis velhacos,  
 Que empalmam muitos patacos  
 A trôco só d'orações,  
 Escondendo noite e dia  
 A mais vil hypocrisia  
 Na capa de santarrões.

Tambem levaria surra  
 Quem na usura se consola,  
 E para atulhar a burra  
 Põe muitos pedindo esmola ;  
 Diria mal dos bandalhos,  
 Muito embora os meus trabalhos  
 Fossem trabalhos sem fim ;  
 E, sentindo-me cansado,  
 Talvez que, por desenfado,  
 Dissesse até mal de mim.

**Um papa rapé.**

O maior prazer que eu sinto  
No mundo, sabem qual é?  
— Acreditem, que não minto —  
E' fungar bello rapé.  
A saborosa pitada  
Não só ás ventas agrada,  
Chega ao caco, e dá-lhe tom:  
Quem quer ter boas idéas  
Funga rapé ás mãos cheias,  
— Bem entendido — do bom.

Conhecendo tal verdade,  
 Nunca largo este bahu,  
 Tenho-lhe tanta amizade  
 Como gato a peixe cru.  
 Uma pitada — *do grosso*,  
 Da *reserva* — antes d'almoco,  
 Ai! Pae do ceu! que prazer!...  
 Sente um tal vigor a bola  
 Qual se da vida na mola  
 Dessem azeite a valer!

Toda e qualquer creatura,  
 Seja femea, ou seja macha,  
 Se segue a litteratura,  
 E'-lhe forçoso ter caixa;  
 Pois é claro, e muito claro,  
 Que p'ra ter engenho raro  
 E' necessario fungar...  
 — E não pensem que isto é graça:  
 Vejam lá se uma sumaça  
 Já pôde alguem inspirar!

Pois aquelle, que faz versos?  
 Que é vate do grande tom?

— Sem rapés tomar diversos  
 Não arranja um verso bom.  
 E não se espantem: — Apollo,  
 Que não era nenhum tolo  
 No mythologico céu,  
 Tinha uma caixa de buzio,  
 Que Neptuno, o macambuzio,  
 Por brinde d'aunos lhe deu.

As sabias musas sagueiras,  
 Quer acreditem, quer não,  
 De famosas tabaqueiras  
 Tinham todas presumpção:  
 Nem fica mal a uma dama  
 Alcançar no mundo fama  
 De tabaquista — que até  
 Muitos se têm encantado  
 Vendo um nariz delicado  
 Fungar com ancia rapé.

Oh ! que prazer me enche o peito,  
 Quando vejo uma belleza  
 Cheirar com todo o preceito  
 Fino rapé da princeza! . . .

Sinto em mim tamanho abalo,  
 Que, trotando, um bom cavallo  
 Parece o meu coração...  
 Perco a cabeça... enlouqueço...  
 Fico, qual mono de gesso,  
 Assim, n'esta posição.

E digo : — ó tu, bella dama,  
 Que entupes esse nariz,  
 Despertas em mim a chamma  
 De terno amor, bem feliz!...  
 Quero unir-me á tua sorte,  
 E com doce paixão forte  
 Cantar sempre em teu louvor!...  
 Ah ! casa com este *pato*!...  
 Vamos viver no *contracto*  
 Entre tabaco e amor !

Na cadeira repimpado  
 O serio e recto juiz,  
 Sempre tem a caixa ao lado,  
 Consolo do seu nariz;  
 E das leis no labyrintho  
 Entra, profunda, e — não minto — \*

**Decifra as mil confusões :**  
**Se nem sempre o reo castiga**  
**E' culpa da lei antiga,**  
**Que está cheia d'alçapões.**

**E** aquelles que os planetas  
 Muito bem conhecem logo,  
 E que medem dós cometas  
 A longa cauda de fogo ? !  
 — E' porque a pitada cara  
 Lhes põe a vista tão clara,  
 Que são capazes de ver  
 A propria lua por dentro,  
 Dizendo que tem no centro  
 Homens, que fazem tremer.

**Meninas, que amaes as modas,**  
**Para em vós poder ter fé**  
**Precisava ver em todas**  
**Uma caixa de rapé.**  
 — O rapé o sizo apura,  
 Dá realce á formosura,  
 Augmenta-lhe o seu condão...  
 Oh ! quem me dera um bêmsinho,

*Que gostasse d'esturrinho,  
Ou de maselipatão !*

Escolher donzella rara  
 Vou, que me faça feliz ;  
 Mas, antes de ver-lhe a cara  
 Heide olhar-lhe p'r'o nariz :  
 — Vendo signaes de tabaco,  
 Por ella dou o cavaco,  
 Não tenho mais que indagar,  
 E digo : — tu és um anjo ! ..  
 Anda cá . . . fazes-me arranjo . . .  
 Queres comigo casar ?

Ella responde, de certo :  
 « Quero casar, sim senhor. »  
 Eu d'ella chego-me perto,  
 E dou-lhe um beijo d'amor  
 Mesmo no meio da facha . . .  
 Beijo não — a minha caixa  
 Lhe corro logo a offertar,  
 Dizendo : — eu sou o Silvestre . . .  
 Isto é *reserva de mestre* . . .  
 Faça favor d'aceitar !

Fungar rapé é meu fraco...  
 Mas o bom custa a pilhar,  
 Que o contracto do tabaco  
 Dá ao povo p'ra cheirar  
 Rapé com moso e basio,  
 Que faz até, desconfio,  
 Dor d'enxaqueca a alguem!...  
 E o conselho de saude,  
 Que vê se a sopa tem grude,  
 Do contracto medo tem.

Se vem um homem bondoso,  
 Com dó do nosso nariz,  
 Trazer-nos rapé famoso,  
 O contracto logo diz:  
 «'Stá preso! traz contrabando!»  
 Vae comnosco assim zombando...  
 Mas a culpa nossa é,  
 Que não fazemos *bernarda*  
 Contra quem bons contos guarda  
 Por vender podre rapé.

Mas agora, meus senhores,  
 Tenho uma coisa a dizer:

**231**

O maior dos massadores  
Poderá desculpa obter?  
Se pôde, sou desculpado...  
Mas p'ra ser bem castigado  
D'hoje aqui vos enfadar  
Com estes meus consoantes,  
Tenho as pragas dos fumantes...  
E tenho bem que aturar!

**No album de uma senhora.**

**Senhora, pedis que escreva  
No vosso album... fazeis mal;  
Não sabeis que os versos meus  
Não valem tres um real.**

**Por uma semsaboria  
N'um album formoso assim,  
E' como pôr uma nodoa  
N'um vestido de setim.**

Mas como agora ha receita  
 D'apagar o que se escreve,  
 Escreverei... mal de certo,  
 Mas, ao menos, serei breve.

Vejo que todas as bellas  
 Têm seu album de primor,  
 Onde inspirados poetas  
 Lhes dão bem justo louvor;

Mas eu, que em algumas coisas  
 Ando diverso dos mais,  
 Seguirei outro caminho  
 N'este album, que me mandaes.

Dir-vos-hei, minha senhora,  
 Que não deis credito a vates,  
 Que mostrar amor a todas  
 Juraram aos seus penates;

E sempre co'as mesmas phrases,  
 Sempre o mesmo ramerrão,  
 Sempre a mesma cantilena  
 A que elles chamam canção;

*Sempre auroras matutinas,  
Sempre brizas, e mais brizas,  
E outras coisas más antigas  
Que a invenção das camizas.*

*Das mil promessas dos vates  
Não penseis que uma só valha,  
Pois elles juram amores  
Por dá cá aquella palha.*

*Por milagre não enganam  
No seu estylo amoroso;  
Creio mesmo que synonyms  
São — poeta e mentiroso.*

*Um diz que se abrásá em chammas  
O seu coração singello:  
Peta — tem o coração  
Como um pedaço de gelo.*

*Outro diz: «por ti, deídate  
«Passei o dia a chorar!»  
Mente — esteve no Marrare  
Sempre agarrado ao bilhar.*

Este : «*amor!* sonhei contigo  
 «Até ás horas do almoço !»  
 Historia — veio *pesado*,  
 Dormiu como pedra em poço.

A quelle : «*formoso encanto*,  
 «Só a ti jurei amar !  
 «Só teus olhos têm imperio  
 «De meu peito captivar !»

Mas a lista das amantes  
 De certo que maior é  
 Que a do recenseamento  
 Da freguezia da Sé !

Acredite-me, senhora,  
 Não sou vate, não menti ;  
 Desculpae se estas verdades  
 Não são proprias para aqui.

Estou certo que direis :  
 «Nunca vi má lingua igual !  
 «Senão pecca em mentiroso,  
 «Pecca bem por dizer mal !»

Vêde se d'este defeito  
Vós me podeis corrigir;  
Ensinae a estar calado  
A quem não sabe mentir.

**Amostras de poesia.**

**NO ALBUM' DE UMA SENHORA.**

—

Senhora, se acaso eu tivesse a ventura,  
A grande ventura de vos conhecer,  
Talvez eu podesse com penna segura  
Meus pobres versinhos aqui escrver.

Não sei em que tom soltar deva meu canto  
P'ra ter a fortuna d'aqui agradar;  
Não sei se amaes versos, que geram o pranto,  
Ou versos, que o riso só querem lembrar.

Não sei... e por isso me vejo n'est' hora  
 Confuso, scismando co'a penna na mão,  
 Sem ter uma idéa... Cá veio uma agora:  
 — Vou dar uma amostra de cada canção.

Que grande lembrança!... só d'esta maneira  
 Com vossos desejos eu posso acertar:  
 Eu, dando as amostras, não tenho canceira,  
 Vós nunca direis que vos quiz enfadar.

Amostra de versos  
 Com dòres sem sim,  
 Que fazem chorar,  
 Mas menos a mim.

Vivo triste, e sem conforto,  
 De dia e noite a chorar  
 Os tormentos, que uma ingrata  
 Me tem feito supportar!  
 Eu amava-a como um louco...  
 E de tanto extremo em troco  
 Ella deu-me ingratidão!...  
 Envenenou-me a existencia  
 A cruel D. Vicencia  
 Ambrosia da Conceição!

Amostra de versos  
De tragicó sim,  
Que assustam a muitos,  
Mas menos a mim.

Perversa ! que assim zombaste  
D'um leal, ardente amor ! . . .  
Vae punir tão negra audácia  
Este punhal vingador ! . . .  
Prepara-te, fementida,  
Para perder essa vida,  
Que matou meu coração,  
Transtornando-me a cabeça ! . . .  
Impia ! faze a toda a pressa  
O acto de contrição !

Amostra de versos  
De mimo sem sim,  
Que agradam a muitos,  
Mas menos a mim.

Quero ter no meu jardim  
Rosinhas d'alto primor  
P'ra compôr um ramalhete,  
E offertal-o ao meu amor...

**Meu amor adora a rosa,  
E toda a flor, que mimosa,  
No jardim se vê brilhar,  
Derramando doce cheiro...  
Vou metter-me a jardineiro  
Para a meu bem agradar.**

**Amostra de versos  
Com que os trovadores  
Accendem as bellas  
Em ternos amores.**

**Quando pela vez primeira  
Teus formosos olhos vi,  
Fiquei tão louco, e perdido,  
Que nem sei o que senti ! ..  
Era o deus menino lindo,  
Que em pessoa tinha vindo  
Habitar meu coração ! ..  
Festejei este inquilino,  
E fiz tanto desatino  
Que até levei cachaçao !**

**Amostra de versos,  
Que são meu prazer..**

**Mas tenho a desgraça  
De mal os fazer !**

**Meninas, tomem cuidado,  
Não se fiem nas promessas  
De janota almiscárado,  
Que nas ruas e travessas  
Anda sempre imprestigado.**

**A muito sérias donzellias  
Com' promessas enganar,  
E' d'estas almas tão bellas  
O constante trabalhar,  
E depois riem-se d'ellas.**

**N'essas lojas de bebidas,  
Rodeados de fumantes,  
Desenrolam mui compridas  
Listas das suas amantes,  
Verdadeiras ou fingidas ;**

**Mostram as cartas d'amores  
Em momentos de folia,  
E, fazendo de doutores,**

Censuram-lhe a orthographia,  
Em que não são professores.

A creditae-me, donzelas,  
Que não sou enganador;  
Se descubro estas mazellas  
E' por ser espectador  
De muitas, e muitas d'ellas.

Senhora, eis amostras d'estylos diversos ;  
Se um só não agrada de taes versos meus,  
Buscae altos vates pomposos nos versos,  
Pois elles não faltam, por graça de Deus.

**O baile dos pretos.**

---

**Eu, que a bailes não vou, bailes não amo,  
Pois me sabem causar bem cruel tedio ;  
Que d'elles fujo sempre como um gamo,  
Pois uso p'ra dormir d'outro remedio ;  
Eu, que, ouvindo dançar, ás vezes bramo,  
Temendo venha abajo todo um predio,  
Buscando assumpto para alguns sonetos,  
Hontem fui ver um baile — mas de pretos.**

Se alguem me perguntar se da catinga  
 Eu pude supportar o cruel cheiro,  
 Direi que de maus cheiros bem se vinga  
 Quem, por grande ventura, é tabaqueiro ;  
 Direi que tenho visto muito *pinga*,  
 Que, quando quer metter-se a paroleiro,  
 Deita sempre a toleima um cheirosinho  
 Peior que o da catinga d'um *paisinho*.

Ao baile dos pretinhos dei apreço,  
 Atrevo-me a dizel-o, com verdade,  
 Pois n'aquellea função achei, confessô,  
 Muito chiste, ratice, e novidade ;  
 Por isso me dedico, em verso *gueço*,  
 A descrever a grande sociedade  
 D'aquelleas *paes Franciscos* caiadores,  
 Mettidos a fidalgos, e senhores.

Oito horas e meia annunciaava  
 O sino d'uma torre alli visinha,  
 Quando no grande baile, alegre, entrava  
 De Congo a poderosa, alta rainha,  
 Que por unico trem apresentava  
 Uma sege de verde bandeirinha ;  
 Mas, p'ra que o regio brilho em nada affrouxe,  
 Esta sege alcançava honras de coche.

Correm logo com toda a ligeireza  
 Os *fidalgos*, trajando alegres fatos,  
 A receber aquella *mãe Thereza*,  
 Rainha de pretinhos e mulatos ;  
 Rainha, a quem a madre natureza  
 Co'o mais preto tingiu pós de sapatos,  
 E o nariz d'um tamanho desmarcado  
 Tornou enormemente esborrachado.

Alli se vêem Duques e Marquezes  
 Da mais alta nobreza assinalada,  
 Fazendo cortezias muitas vezes  
 A'quella magestade mascarrada ;  
 Barões, que, parecendo d'entremeses,  
 D'elles por tubas cem a fama brada,  
 Mas que, fazendo alli nobre papel,  
 Vão depois *caendar* com seu pincel.

Duas *formosas* damas, que mostravam  
 Pertencer á mais alta jerarchia,  
 A famosa rainha acompanhavam,  
 Que em actos tão solemnnes se não ria ;  
 Estas duas *bellezas*, que ostentavam  
 Carinha d'azeviche luzedia,  
 Chamavam-se, uma Rosa, e outra Annica,  
 Vendiam ambas ellas fava-rica.

Seguida d'um cortejo *bem trajado*,  
 Chega a fusca rainha á regia sala,  
 O seu procurador levando ao lado,  
 Preto edoso, vestido em grande gala ;  
 Mas que, por ser toireiro assignalado  
 De quem sempre o programma em verso falla,  
 Entre os paus de bons toiros embolados  
 Os queixos tem sentido amarrotados.

Sobe a rainha ao throno ; e de repente  
 A musica, *afnado*, um hymno toca,  
 E toda aquella fusca e negra gente  
 Quasi que d'alegria se vê louca ;  
 Depois começa a dança mui contente,  
 Onde brancos tambem (alguns com *touca*)  
 Co'as engracadas filhas de Guiné,  
 Dançando sem pudor, fazem *banzé*.

Nas voltas d'esta dança, que se acerta  
 Ao compasso da musica *afnada*,  
 O branco da pretinha a mão aperta,  
 E lhe beija a carinha enfarruscada ;  
 Ella aceita, gostosa, a doce offerta,  
 E sente-se em amor toda inflammada ;  
 Porém certo *paisinho*, que a namora,  
 Diz ao branco : «canaia ! passa fóra !»

O grande beijamão então começa,  
 E toda a fidalguia cõr d'amora  
 Com respeito sem par curva a cabeça,  
 Vae beijar a mão regia ; sem demora  
 A ceremonia finda ; e então se apressa  
 Essa gente a quem nunca o rosto cora,  
 E á negra magestade graças pede,  
 A qual, de bom humor, tudo concede.

Depois se enloam vivas repetidos  
 A' famosa rainha sublimada ;  
 Grita, berra, faz grandes alaridos  
 Esta innocent cõrte enthusiasmada ;  
 E, para mais dar cabo dos ouvidos,  
 Tambem a branca gente alegre brada,  
 E n'um alto vivorio muito longo  
 Faz troça á magestede lá do Congo.

Vi no baile primor o mais subido,  
 Vi rostos de pau santo mui galantes ;  
 Se disser que d'alguns eu fui rendido,  
 Meu leitor estimavel, não te espantes ;  
 Vi dentes d'alvo jaspe bem polido  
 N'aquellas divindades elegantes  
 A quem ninguem o peito captivou,  
 Se, acaso, um só espirro lhe escapou.

Alli achei derriços ; vi pretinhas,  
 Que, com seus ternos olhos seductores,  
 Em janotas de créspas carapinhas  
 Accendiam, sem custo, mil ardores ;  
 Ouvi d'elles e d'ellas as gracinhas,  
 Que expressavam os mais doces amores  
 D'aquelles corações, que na folgança,  
 Por causa do marufo, nenhum cança.

Não houve n'este baile chá nem bolos,  
 Que se offertasse á bella companhia ;  
 Para aquecer as tripas e os miolos,  
 Apenas, *mata-ratos* sé bebia ;  
 Na cozinha, sentada n'uns tijolos,  
 Uma preta vendia alcomonia,  
 E regalava a muitos patuscões  
 Com seus apimentados mexilhões.

Aquella fidalguia improvisada,  
 Que, vaidosa, ostentava alta nobreza,  
 E' devéras civil, e bem creada...  
 Tomára eu assim toda a portugueza !  
 Os brancos tratar bem muito lhe agrada,  
 Mas estes, que na entrada têem despeza,  
 Vão coartar a alegria ao negro povo  
 Co'uma troça infernal — que não approvo.

Eis o baile dos pretos, e das pretas :  
Talvez que o meu *poema* seja fraco,  
Pois pertence este assumpto a bons poetas  
A quem o deus Apollo inspira o caco ;  
Eu que, apenas, quiz ser *cantor de petas*  
Se a algum pretinho fiz dar o cavaco  
Vou pedir-lhe perdão, dizendo, franco,  
Que um preto para mim é como um branco.

**N'um album**

Mimoso album, queres versos ?  
«Quero sim — e versos teus.»  
Oh, album, que me pediste !  
Ai, Jesus !... valha-me Deus !

Demais... ser eu o primeiro  
*Poeta* semsaborão,  
Que heide ter o atrevimento  
D'estampar-te uma canção !...

**E' muito ! c'est trop !... mas vá...**  
**Saia lá o que sair...**  
**Comporei alguns versinhos,**  
**Que não façam affligr.**

**Vou escrever-te uma historia**  
**D'um album d'alto primor,**  
**Todo cheio de poesias,**  
**Qual d'ellas de mais valor ;**

**Porém todas de tristezas,**  
**De saudade, lucto e magua...**  
**De sorte que quem as lia**  
**Arrasava os olhos d'agua.**

**Girou este album formoso**  
**Por mãos de lindas donzelas,**  
**Amargos e tristes prantos**  
**Arrancando a todas ellas.**

**O album — segundo dizem —**  
**Muitissimas folhas tinha ;**  
**Pois fez derramar mais lagrimas**  
**Que letras em si continha ;**

Até que vindo parar  
 A's mãos de certa senhora,  
 Que em fazer chistosos versos  
 Era eximia professora;

Esta lhe escreveu assim :  
 « Reina aqui do pranto o imperio ! ...  
 « E' mais triste abrir este album  
 « Do que entrar n'um cemiterio ! »

A historia, que aqui te escrevo,  
 Contou-m'a um Bento de Soisa ;  
 Se não presta, tem paciencia,  
 Que não me lembra outra coisa.

FIM

## INDICE

	PAG.
Cavaco ao leitor .....	3
Sonetos.....	5 a 48
Coisas com que eu embirro.....	49
Coisas de que eu gosto.....	53
Ao soldado.....	57
Ao meu amigo José Ferreira Chaves .....	60
A guitarra e a lyra.....	65
Tocar desafinado.....	69
Retrato do janota .....	72
Uma mania como qualquer outra.....	77
Ao meu amigo Alfredo d'Oliveira Pires .....	83
Delírio e vingança.....	88
Tristezas gordas.....	94
Os brutos sabios.....	98
As settas de Cupido .....	103
Não tenho lyra .....	108
Um velho de bom gosto.....	113
Mote — Das frias campas surgindo .....	120
Um veterano das campanhas da praça do Sa- litre.....	123
O mundo anda torto.....	128
Quem me dera ser pintor .....	131
Uma loja de barbeiro ao sabbado.....	136
A queda do Neptuno do Loreto.....	143
Aquillo é que são olhos ! .....	147
A Marilia .....	149
Mote — Faz annos D. Narcisa .....	154
» — Este mundo é todo engano.....	157
» — Este mundo está mudado.....	160

Pieguices. . . . .	163
Amor e nigromancia. . . . .	168
Dores e amores . . . . .	175
No album do meu amigo José Rodrigues . . . . .	181
A sorte de Hespanha. . . . .	188
Quero e não quero casar . . . . .	193
Um passeio ás hortas. . . . .	198
Uma pura verdade. . . . .	206
Que farei ? . . . . .	209
Será verdade? . . . . .	215
Quem me dera ser poeta !. . . . .	219
Um papa rapé. . . . .	224
No album de uma senhora. . . . .	232
Amostras de poesia. . . . .	237
O baile dos pretos . . . . .	243
N'um album. . . . .	250

## **ERRATAS ESSENCIAES**

- Pagina 21, linha 13, onde se lê voz, leia-se luz.**  
» 65, linha 4, onde se lê Conto, leia-se  
Couto.  
» 206, linha 11, onde se lê estranhar, leia-  
se estanhar.





Digitized by Google

89006635650



b 89006635650.a  
Digitized by Google

Digitized by Google

89006635650



b89006635650a